



3º ARAUTOS DO EVANGELHO

1º 283 - Julho 2025

*Convívio no qual
Deus reina*



RECONQUISTA

FORMAÇÃO CATÓLICA

A sabedoria da Igreja Católica ensinada com clareza e entusiasmo, em dezenas de cursos exclusivos!

Além de crescer no conhecimento e no amor a Nossa Senhor Jesus Cristo, por meio de sua doutrina, e de colaborar na formação de centenas de missionários dos Arautos do Evangelho, você ainda se prepara para guiar sua família nos caminhos de Deus.

Através do conjunto de CURSOS ON-LINE SOBRE A FAMÍLIA, conheça o que a Tradição Católica ensina sobre:

- **Como ter um namoro santo e agradável a Deus.** Uma fase que a mídia insiste em transformar num parque de diversões para os jovens é, na verdade, uma das etapas mais determinantes na vida de uma pessoa.
- **A importância da fidelidade às promessas do matrimônio, para um casamento feliz e um lar pacífico.** O esquecimento dessas promessas é a causa da maioria dos divórcios, mesmo quando ainda há amor entre os cônjuges.
- **A correta educação dos filhos, seguindo o que nos ensina a Igreja.** As comodidades e facilidades que o mundo oferece para nos “auxiliar” na educação de nossas crianças mais atrapalham do que ajudam.



Acesse já e inscreva-se!
WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS ARAUTOS
ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS



TRANSMISSÃO DA SANTA MISSA
DIARIAMENTE ÀS 19H (HORÁRIO DE BRASÍLIA)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 283, Julho 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura e inspiração católica publicada por:
Associação Brasileira Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benefitário..... R\$ 50,00 mensais
Grande Beneficiário R\$ 60,00 mensais

Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

⇒ PERGUNTAM OS LEITORES	4
⇒ EDITORIAL	
Viver é estar juntos	5
⇒ A VOZ DOS PAPAS	
A missão mais importante	6
⇒ A LITURGIA DOMINICAL	
O valor de ter o nome escrito no Céu	8
"Faze isso e viverás"	9
Lições de uma paternal repreensão	10
Rezar no tempo, para conviver na eternidade	11
⇒ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Sinfonia de admiração e hierarquia	12
⇒ TEMA DO MÊS – A FAMÍLIA	
O Sacramento do Matrimônio - Mistério de amor e união, comunicado aos homens	16
A educação dos filhos - O grande desafio dos pais	20
⇒ SÃO TOMÁS ENSINA	
Honrar os pais: um dever sagrado	23
⇒ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
O tecido social perfeito	24
⇒ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Duquesa Sofia Chotek von Hohenberg - A fidelidade conjugal levada ao extremo	28
Martírio dos irmãos Justo e Pastor - Santidade não conhece idade	32
⇒ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Filhos: opção ou missão?	35
⇒ VIDA DOS SANTOS	
São Joaquim e Sant'Ana, pais de Nossa Senhora - Por seu fruto os conhecereis	36
⇒ DONA LUCILIA	
Correções maternas	40
⇒ ARAUTOS NO MUNDO	
..... 42	
⇒ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
O santo abandono - E o dia de amanhã?	46
⇒ VOCÊ SABIA...	
..... 49	
⇒ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Ornato e luz primordial	50



12 Uma Família sob o signo da Paixão e do triunfo



20 Filhos... como educá-los?

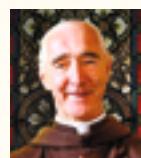


28 Nem a morte os separou...



50 Cobrir o corpo, para revelar a alma

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



✉ Pe. Ricardo José Basso, EP

Podem os Anjos criar coisas ou seres materiais? Ou nos levam a percebê-los pelos sentidos e representar na imaginação?

Antonio Borda – Bogotá

Somente Deus tem o poder de criar. Os outros seres, por mais sublimes e poderosos que sejam, são incapazes de fazê-lo.

Entretanto, em certos casos alguns Anjos manifestaram-se de modo perceptível aos sentidos humanos. Por exemplo, quando foram vistos por Abraão, Lot, Tobias e vários outros. Em função dessas aparições descritas na Sagrada Escritura, afirma São Tomás: “Como os Anjos não são corpos, nem estão naturalmente unidos a estes, como já se viu, resulta que, às vezes, eles assumem corpos” (*Suma Teológica*. I, q.51, a.2).

As razões teológicas para explicar este portentoso fato são muito conclusivas: “Os Anjos não precisam de um corpo assumido, por si mesmos, mas por causa de nós; para que, convivendo familiarmente com os homens, indiquem-lhes a sociedade espiritual que estes esperam ter com eles, na vida futura. E o fato de terem os Anjos assumido corpos,

no Antigo Testamento, não foi senão o indício figurativo de que o Verbo de Deus haveria de assumir um corpo humano; pois todas as aparições do Antigo Testamento foram ordenadas a essa aparição, pela qual o Filho de Deus Se manifestou encarnado” (ad 1).

Para o Doutor Angélico, o modo da formação do corpo por parte do Anjo seria, de acordo com os conhecimentos científicos do século XIII, a condensação do ar feita pelo poder divino na medida necessária para formar o corpo que o Anjo fosse tomar (cf. ad 3).

Contudo, podem os Anjos também representar em nossa imaginação a verdade inteligível por meio de imagens sensíveis, como que projetadas em nossa fantasia. Posteriormente, eles fortalecem nosso entendimento para nos fazer entender o significado dessas figuras. É essa a maneira pela qual os Anjos iluminam os homens (cf. q.111, a.1).

Gostaria de tirar uma dúvida: é pecado a pessoa imaginar-se pecando, mesmo que ela não pratique fisicamente o pecado?

Raissa Silva – Via e-mail

Ensina-nos o *Catecismo da Igreja Católica* (cf. 2517) que o coração do homem é a sede da personalidade moral: “Do coração provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias” (Mt 15, 19).

Por isso devemos aspirar a viver a sexta bem-aventurança, a qual promete aos puros de coração que eles verão a Deus (cf. Mt 5, 8). Segundo o mesmo *Catecismo*, “os ‘puros de coração’ são os que puseram a inteligência e a vontade de acordo com as exigências da santidade de Deus, sobre-

tudo em três domínios: a caridade (cf. I Tes 4, 3-9; II Tim 2, 22); a castidade ou retidão sexual (cf. I Tes 4, 7; Col 3, 5; Ef 4, 19); o amor da verdade e a ortodoxia da Fé (cf Tt 1, 15; I Tim 1, 3-4; II Tim 2, 23-26)” (2518).

Portanto, pecar no coração consentindo em maus desejos ou em imaginações desonestas é um pecado tão grave quanto se ele tivesse sido realizado exteriormente, tal como nos ensina o Divino Mestre no Evangelho: “Todo aquele que olha para uma mulher com o desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela em seu coração” (Mt 5, 28).



*Sagrada Família -
Igreja de
São Miguel
dos Navarros,
Saragoça
(Espanha)*

Foto: Francisco Lecaros

VIVER É ESTAR JUNTOS

Afamília está na raiz da criação, pois não convinha que o primeiro homem ficasse só (cf. Gn 2, 18). Por isso o Onipotente uniu Adão e Eva numa só carne, para assim povoar a terra (cf. Gn 2, 24; 1, 28). Jesus Cristo elevou esta união à condição de Sacramento, o qual foi comparado ao conúbio d'Ele com a Igreja (cf. Ef 5, 31-32).

Tal consórcio não é mera abstração. Como no passado, “o mundo de hoje precisa da aliança conjugal para conhecer e acolher o amor de Deus e superar, com a sua força que une e reconcilia, as forças que desagregam as relações e as sociedades” (LEÃO XIV. *Homilia*, 1/6/2025).

Que força unifica o matrimônio e quais forças o desagregam? Não é segredo que a Revolução, em suas múltiplas metamorfoses, constitui o fator mais decisivo na dissolução conjugal.

Já nos movimentos cismáticos do século XVI – por natureza separatistas – encontra-se o divórcio como núcleo de desagregação social. Exemplo paradigmático foi o do Rei Henrique VIII na Inglaterra, o qual rompeu o pacto conjugal e, com ele, a comunhão com Roma. Também Lutero, ao reduzir o casamento a uma instituição meramente terrena, endossou o desquite.

Sobre a Revolução Francesa, o diplomata francês Talleyrand comentou que antes dela era-se ainda amigo da família para, depois, ser amigo do individualismo. O crescente laicismo do século XIX apenas acentuou a concepção do casamento como consórcio civil, desvinculando-o da religião.

A Revolução Comunista confinou ainda mais a essência do matrimônio, apelando a categorias meramente econômicas, e acusou *pari passu* a sua suposta “opressão”.

A dita “revolução cultural” do século XX se nutriu de elementos marxistas e da libertina rebelião estudantil de maio de 1968. Esta última, com lemas como “Nem Deus, nem mestre” e “A imaginação tomou conta do poder”, propalava que seria preciso superar convenções tradicionais como a família.

A História provou o desastre de todos esses tipos de desagregação. A ruína da família sempre precedeu a decadência de uma sociedade. Como bem salienta o Sumo Pontífice, é preciso retornar ao matrimônio como fator agregativo, sob a égide do amor a Deus.

O arquétipo de família se encontra na Casa de Nazaré. Sem embargo, para discernir melhor a necessidade de “sobrenaturalizar” o matrimônio, convém recorrer ao exemplo concreto dos pais de Santa Teresinha do Menino Jesus: Luís e Zélia Martin, os quais foram canonizados *juntos*. Ambos estavam convencidos de que *juntos* precisavam santificar-se. Por isso, *juntos* iam à Santa Missa, *juntos* rezavam, *juntos* sofriam e *juntos* formaram um lar genuinamente católico, isto é, um espelho da Pátria Celestial. Donde se regozijava Santa Teresinha: “Deus me deu um pai e uma mãe mais dignos do Céu do que da terra” (*Carta 261*).

Ao contrário do que propugna uma ótica naturalista, revolucionária e até tacanha do casamento, este deve se configurar como uma participação do sagrado convívio que os Santos gozam na visão beatífica. Com efeito, na morada celeste já não há egóismos ou desagregações; é o lugar da plena harmonia, em que todos *juntos* glorificam o Pai, “de quem toma o nome toda família no Céu e na terra” (Ef 3, 15).

Portanto, é na Pátria – “no lugar do Pai” – que se consumará o lema de uma nobre mãe e esposa católica, Dona Lucilia Corrêa de Oliveira: “Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”. ♦



A missão mais importante

Nos primeiros anos de vida da criança, lança-se o fundamento do seu futuro. Por isso, devem os pais compreender a importância de sua missão a este respeito. Em virtude do Batismo e do matrimônio são eles os primeiros catequistas de seus filhos: de fato, educar é continuar o ato de geração.

AUMENTA O PEDIDO DE UMA EDUCAÇÃO VERDADEIRA

Todos temos a preocupação pelo bem das pessoas que amamos, sobretudo das nossas crianças, adolescentes e jovens. Portanto, não podemos deixar de ser solícitos pela formação das novas gerações, pela sua capacidade de se orientar na vida e discernir o bem do mal, pela sua saúde não só física, mas também moral.

Mas educar nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os professores, os sacerdotes e todos os que desempenham responsabilidades educativas diretas. Fala-se por isso de uma grande “emergência educativa”, confirmada pelos insucessos com os quais com muita frequência se confrontam os nossos esforços [...].

Aumenta hoje o pedido de uma educação que o seja verdadeiramente. Pedem-na os pais, preocupados e muitas vezes angustiados com o futuro dos próprios filhos; pedem-na muitos professores, que vivem a triste experiência da degradação das suas escolas; pede-a a sociedade no seu conjunto, que vê postas em dúvida as próprias bases da convivência; pedem-na no seu íntimo os próprios jovens, que não querem ser

deixados sozinhos perante os desafios da vida.

Excertos de: BENTO XVI.
Carta, 21/1/2008

UMA MISSÃO PRIMORDIALMENTE DOS PAIS

Nos primeiros anos de vida da criança, lançam-se a base e o fundamento do seu futuro. Por isso mesmo, devem os pais compreender a importância de sua missão a este respeito. Em virtude do Batismo e do matrimônio são eles os primeiros catequistas de seus filhos: de fato, educar é continuar o ato de geração. [...]

As crianças têm necessidade de aprender e de ver os pais que se amam, que respeitam a Deus, que sabem explicar as primeiras verdades da Fé, que sabem apresentar o “conteúdo cristão” no testemunho e na perseverança “de uma vida de todos os dias vivida segundo o Evangelho”. [...]

Não aconteça, diletíssimos pais que me ouvis, que vossos filhos cheguem à maturidade humana, civil e profissional, ficando crianças em assuntos de religião. Não é exato dizer que a Fé é uma opção a fazer-se em idade adulta. A verdadeira opção supõe o conhecimento; e nunca po-

derá haver escolha entre coisas que não foram sábia e adequadamente propostas.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Homilia, 5/7/1980

A FÉ DEVE SER TRANSMITIDA COM A VIDA

Digo a vós, esposos, com o coração cheio de gratidão e esperança: o casamento não é um ideal, mas a regra do verdadeiro amor entre o homem e a mulher; amor total, fiel, fecundo. Esse mesmo amor, ao transformar-vos numa só carne, torna-vos capazes de, à imagem de Deus, doar a vida.

Portanto, encorajo-vos a ser exemplos de coerência para os vossos filhos, comportando-vos como quereis que eles se comportem, educando-os para a liberdade através da obediência, procurando sempre os meios para aumentar o bem que existe neles. [...] Na família, a fé é transmitida, de geração em geração, juntamente com a vida: é partilhada como o alimento da mesa e os afetos do coração. Isso a torna um lugar privilegiado para encontrar Jesus, que nos ama e quer sempre o nosso bem.

Excertos de: LEÃO XIV.
Homilia, 1/6/2025

DEVER DE CORRIGIR IDEIAS E OPÇÕES ERRADAS

Chegamos assim talvez ao ponto mais delicado da obra educativa: encontrar um justo equilíbrio entre a liberdade e a disciplina. Sem regras de comportamento e de vida, feitas valer dia após dia também nas pequenas coisas, não se forma o caráter e não se está preparado para enfrentar as provas que não faltarão no futuro. [...]

À medida que a criança cresce, torna-se um adolescente e depois um jovem; portanto devemos aceitar o risco da liberdade, permanecendo sempre atentos a ajudá-lo a corrigir ideias e opções erradas. O que nunca devemos fazer é favorecê-lo nos erros, fingir que não os vemos, ou pior partilhá-los, como se fossem as novas fronteiras do progresso humano.

Excertos de: BENTO XVI.
Carta, 21/1/2008

EDUCAÇÃO PARA DISCERNIR ENTRE O BEM E O MAL, A VERDADE E O ERRO

Esforçai para que vossas crianças e vossos jovens, à medida que progrediam no caminho dos anos, recebam também uma instrução religiosa cada vez mais ampla e fundamentada. [...] Contraponde à escassez de princípios deste século, que tudo mede pelo critério do êxito, uma educação que torne o jovem capaz de discernir entre a verdade e o erro, o bem e o mal, o direito e a injustiça. [...]

Mas nunca vos esqueçais que a essa meta não se pode chegar sem o potente auxílio dos Sacramentos da Confissão e da Santíssima Eucaristia, cujo sobrenatural valor educativo jamais será devidamente apreciado.

Excertos de: PIO XII.
Radiomensagem, 6/10/1948



Que os pais sejam exemplos de coerência para os filhos, a fim de aumentar o bem existente neles

“Oração antes da refeição”, por Theodor Christoph Schüz - Galeria Nacional de Stuttgart (Alemanha)

ALIMENTO DA VIRTUDE E FREIO DOS APETITES DESORDENADOS

Aqueles que em tenra idade não foram instruídos na religião crescem sem conhecimento algum do que há de mais importante, do único que pode alimentar no homem o amor à virtude e pôr freio aos apetites contrários à razão. [...]

Onde se ignora tais coisas, toda a cultura dos espíritos se tornará malsã: desacostumados ao temor de Deus, os jovens não saberão suportar qualquer disciplina de vida honesta e, como aqueles habituados a nunca negar nada às próprias paixões, facilmente serão impelidos a perturbar os Estados.

Excertos de: LEÃO XIII.
Nobilissima gallorum gens, 18/2/1884

É FALSA A EDUCAÇÃO QUE EXCLUI A FORMAÇÃO SOBRENATURAL

Devem-se, portanto, corrigir as inclinações desordenadas, excitar e

ordenar as boas, desde a mais tenra infância, e sobretudo deve iluminar-se a inteligência e fortalecer-se a vontade com as verdades sobrenaturais e os auxílios da graça, sem a qual não se pode, nem dominar as inclinações perversas, nem conseguir a devida perfeição educativa da Igreja, perfeita e completamente dotada por Cristo com a divina doutrina e os Sacramentos, meios eficazes da graça.

É falso, portanto, todo naturalismo pedagógico que, na educação da juventude, exclui ou menospreza por todos os meios a formação sobrenatural cristã; é também errado todo o método de educação que, no todo ou em parte, se funda sobre a negação ou esquecimento do pecado original e da graça, e, por conseguinte, unicamente sobre as forças da natureza humana.

Excerto de: PIO XI.
Divini illius Magistri, 31/12/1929

E NOCIVA A QUE AFASTA DE CRISTO

Uma formação que se esqueça, ou, o que é pior ainda, propositalmente descure de dirigir os olhos e o coração da juventude para a pátria sobrenatural, seria uma injustiça contra a juventude, uma injustiça contra os inalienáveis deveres e direitos da família cristã, um excesso a que se deve remediar também em favor do bem público e do Estado. [...]

Que escândalo mais nocivo e duradouro às gerações do que uma formação da juventude dirigida para uma meta que afasta de Cristo, “Caminho, Verdade e Vida”, levando-a a uma simulada ou manifesta apostasia?

Excertos de: PIO XII.
Summi pontificatus, 20/10/1939



O valor de ter o nome escrito no Céu

℟ Pe. Millon Barros de Almeida, EP



*Nem ser,
nem fazer; o
mundo de hoje
busca apenas
parecer.
Não é esse o
verdadeiro
meio de
apostolado
indicado
pelo Divino
Mestre*

Em todos os tempos os homens estabeleceram referências com que aquilatar o que lhes cerca. Esses padrões são também indicativos do que cada época considera importante, valioso e digno de respeito. Em nossos dias, qual é a “tabela de valores” com que julgamos algo?

Como não perceber que o conteúdo, a autenticidade e até a probidade são postos em segundo plano ou muitas vezes sacrificadas para apenas ter uma grande visualização e assim ser considerado “importante”? Que o digam as redes sociais e demais meios de “informação” hodiernos. Não importa mais o ser, nem o fazer; o que vale é apenas parecer. Bem diversa, porém, se mostra a escola de apostolado que a Santa Igreja nos propõe na Liturgia de hoje.

No Evangelho deste 14º Domingo do Tempo Comum, Nosso Senhor Jesus Cristo envia seus discípulos à primeira missão apostólica e, já em suas recomendações, os premune contra a tendência de pôr a confiança nos bens deste mundo: “Não leveis bolsa, nem sacola, nem sandálias” (Lc 10, 4). Não importa ter ou parecer, é preciso ser. Também o objeto da pregação indica sua transcendência: “Dizei ao povo: ‘O Reino de Deus está próximo de vós’” (Lc 10, 9). A preocupação central do apóstolo não deve estar em ser benquisto ou aceito por seus ouvintes, mas em pregar a Boa-Nova.

Ao mesmo tempo Jesus lhes ensina como, de certa forma, eles se tornarão juízes daqueles a

quem pregarem – se o fizerem com autenticidade: “Quando entrardes numa cidade e não fordes bem recebidos, saindo pelas ruas, dizei: ‘Até a poeira de vossa cidade, que se apegou aos nossos pés, sacudimos contra vós’. [...] Eu vos digo que, naquele dia, Sodoma será tratada com menos rigor do que essa cidade” (Lc 10, 10-12).

Entretanto, quando os discípulos retornam de sua missão, o Divino Mestre percebe o perigo que se esgueira em suas almas: alegram-se porque fizeram milagres, expulsaram demônios e curaram doentes, mas correm o risco de confundir o sucesso exterior com a vitória do Reino de Deus. Nem sempre o êxito indica que a obra de apostolado foi realizada como Jesus desejava; dependendo de onde surgem os aplausos, poderá até ser ele um mau sinal. Por isso, conclui o Salvador: “Não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem. Antes, ficai alegres porque vossos nomes estão escritos no Céu” (Lc 10, 20).

Quantas vezes não somos levados a dar nossa adesão a algo apenas pelo fato de estar sendo usado, comentado e difundido por todos? Acabamos, assim, por estabelecer como critério de julgamento não o que as coisas são, mas a aceitação que elas têm no mundo. Pior ainda se condicionamos nossa missão de testemunhas do Evangelho ao aplauso dos homens, mesmo que para isso precisemos sacrificar as verdades eternas e o estado de graça...

Neste Evangelho, Nosso Senhor Jesus Cristo nos mostra que, se verdadeiramente desejamos atrair almas para Deus e aumentar o número dos filhos da Santa Igreja, é necessário, antes de tudo, preocuparmo-nos com a nossa santificação, pois apenas quando nossos nomes estejam escritos no Céu daremos o autêntico testemunho de vida que anuncia a proximidade do Reino de Deus. ♣





“Faze isso e viverás”

⟳ Pe. Roberto José Merizalde Escallón, EP



Vivemos hoje submersos num mundo fundamentalmente mercantilista, regido pelas leis do *marketing*. Nessa perspectiva, a vida gira em torno do empenho de produzir o máximo pelo menor custo. Será esta a verdadeira ciência da vida?

A pergunta do mestre da Lei que abre o Evangelho deste 15º Domingo do Tempo Comum se apresenta ao espírito do ser humano ontem, hoje e sempre: “Que devo fazer para receber em herança a vida eterna?” Embora as pessoas corram continuamente atrás do dinheiro, se elas se detiverem um momento, sua consciência as interpelará: “Estás seguindo o caminho certo?”

A resposta do Redentor ao escriba – após fazer-lhe recordar o mandamento de amar a Deus e ao próximo – ressoa nos corações, atravessando os milênios, e chega aos nossos ouvidos: “Faze isso e viverás” (Lc 10, 28). Em seguida, Jesus lhe propõe a parábola do bom samaritano.

Preocupa-Se o Divino Mestre em que a imagem seja clara o quanto possível. Por isso a enche de cores, com eloquente simbolismo, o que ajuda as pessoas de todos os tempos e idades a pôr em prática o ensinamento divino. Sublinha que o pobre homem, assaltado e deixado “quase morto” (Lc 10, 30) à beira da estrada, é evitado por personalidades de grande destaque e prestígio social naquela época: um sacerdote e um levita. Somente um samaritano – desprezado pelos judeus – lhe presta ajuda generosa e dedicada, empenhando-se para que nada lhe falte.

Eis o eixo da verdadeira caridade, entendida como o amor ao próximo exercido por amor a Deus: quem dá com largueza, sem esperar retribuição pelo favor prestado, conquista a ciência da vida.

As pessoas imbuídas de mentalidade mercantilista horrorizam-se diante de tamanho prejuízo financeiro, pois gastar sem receber uma retribuição imediata constituiria a maior loucura. Essas pobres almas, empedernidas no materialismo, não conse-

guem enxergar além das conveniências do comércio. Olvidam-se de que neste mundo se aplica a lei do “eco da vida”, pois esta nos responderá implacavelmente, como um eco, às nossas palavras e ações. Se gritarmos “Egoísmo!”, o eco nos responderá décadas depois: “Egoísmo!” Mas se bradarmos “Caridade cristã!”, ele nos premiará mais adiante com a mesma voz generosa: “Caridade cristã!”

As leis da ciência espiritual operam amiúde em sentido oposto ao das leis materiais. E a lei cristã é o amor a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Assim, quem semeia a caridade de bom quilate, colherá anos mais tarde os frutos da semente que plantou. Quem se preocupa em curar o mal alheio mais do que com seu próprio benefício, terá o prêmio no momento menos esperado. E se alguma pessoa caritativa não receber nesta terra a recompensa por sua generosidade, receberá muito mais do que o cêntuplo na vida eterna.

A lei da caridade conquista as almas na terra e as graças do Céu. Cultiva a lei da caridade cristã e viverás bem neste mundo e triunfarás na eternidade! “Faze isso e viverás”. ♦

“O bom samaritano”, por Alfred Emil Andersen - Museu Thorvaldsen, Copenhague

Reprodução



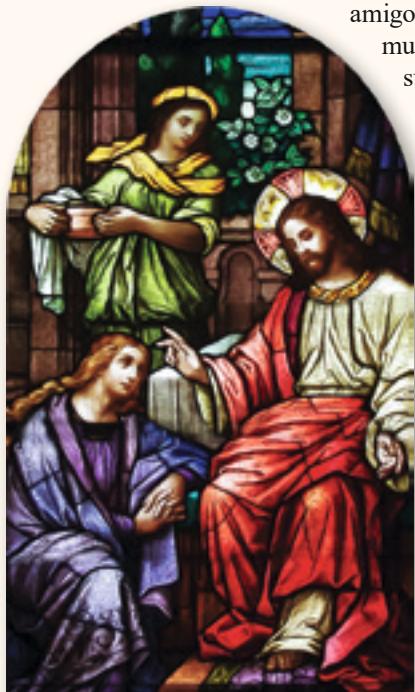


Lições de uma paternal repreensão



✉ Pe. José Roberto Polimeni, EP

*Devemos
abandonar
as ocupações
de Marta, ou
simplesmente
nos esforçar
por impregná-
-las da filial
contemplação
de Maria?*



Jesus com Marta e Maria - Igreja de São Vendelino, Saint Henry (Estados Unidos)

A vida pública de Nosso Senhor Jesus Cristo foi muito intensa. Ele caminhava de povoado em povoado, ensinando a Boa-Nova e anunciando que o Reino de Deus estava próximo. As multidões acudiam para serem sanadas de suas enfermidades e os possuídos pelo demônio eram libertados de suas garras.

E, não tenhamos ilusão, toda essa faina O cansava. Alguém dirá: “Mas Jesus não é Deus? Deus não Se cansa!” Sim, é Deus, mas também Homem, que assumiu nossa natureza com suas fraquezas. Enquanto Deus, tinha poder infinito e nada sofria; enquanto homem, “foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4, 15). Portanto, Ele necessitava descansar.

E onde encontrar esse descanso tão necessário? Nada melhor do que o convívio com verdadeiros amigos: “Jesus entrou num povoado, e certa mulher, de nome Marta, recebeu-O em sua casa. Sua irmã, chamada Maria, sentou-se aos pés do Senhor, e escutava a sua palavra” (Lc 10, 38-39).

O Mestre vai a Betânia para estar com os irmãos Lázaro, Marta e Maria, que O recebem com todo o respeito e gratidão.

A anfitriã, pondo em ação seus dotes femininos, preocupa-se com os mínimos detalhes: ordenar a casa da melhor maneira possível, usar as alfaiaias e o serviço mais nobres que possui e, evidentemente, preparar um banquete que reflete todo o seu amor, carinho e benquerença por Aquele que considera o Messias esperado.

Maria, por sua vez, recolhe-se aos pés de Jesus e ouve, tranquila e maravilhada, as palavras do Verbo de Deus Encarnado.

E continua o Evangelho: “[Marta] aproximou-se e disse: ‘Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha, com todo o serviço? Manda que ela me venha ajudar!’ O Senhor, porém, lhe respondeu: ‘Marta, Marta! Tu te preocupas e andas agitada por muitas coisas. Porém, uma só coisa é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada’” (Lc 10, 40-42).

O que Jesus quis ensinar a Marta... e a nós? “O Senhor não censura a hospitalidade, mas o cuidado de muitas coisas, isto é, a absorção e o tumulto. [...] A hospitalidade é virtuosa enquanto nos atrai para as coisas necessárias; mas quando começa a estorvar o que é mais útil, torna-se evidente que a atenção às coisas divinas é mais louvável”.¹

E Santo Agostinho completa: “O Senhor não repreende o trabalho, mas distingue as ocupações; por isso prossegue: ‘Maria escolheu a melhor parte’. Tu não escolhestes mal, mas ela escolheu o melhor. E por que melhor? Porque não lhe será tirada”.²

Assim, em todas as circunstâncias da vida devemos sempre servir ao Senhor sem deixar o amor e a contemplação de Deus, com vistas ao eterno que não passa.

E terminamos esta reflexão com uma advertência de Santo Ambrósio: “Que o desejo da sabedoria te faça semelhante a Maria; esta é a maior obra, a mais perfeita. Que o cuidado de teu ministério não te separe do conhecimento do Verbo Celeste, nem acuses, nem consideres ociosos aqueles que vejas dedicados à sabedoria”,³ ou seja, à contemplação.

Que os santos amigos do Senhor nos obtenham d’Ele essa valiosa graça. ♣

¹ TEOFILATO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Catena Aurea. In Lucam*, c.X, v.38-42.

² SANTO AGOSTINHO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit.

³ SANTO AMBRÓSIO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit.



Rezar no tempo, para conviver na eternidade

▽ Pe. Rodrigo Alonso Solera Lacayo, EP



As verdades mais fundamentais são, com frequência, as mais puras, luminosas e edificantes. Elas participam da simplicidade de Deus – plenitude e fonte de toda verdade – e, por isso mesmo, encerram imensas profundidades, capazes de nutrir nossa vida espiritual e moral.

“Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”,¹ afirmava Dona Lucilia, mãe de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira. Essas palavras, embora singelas, tocam na essência da contemplação e abrem uma porta para o mistério da oração. Viver é estar com quem amamos; rezar é conviver amorosamente com Deus: “A oração, quer saibamos ou não, é o encontro entre a sede de Deus e a nossa”.²

Certa vez, como lemos no Evangelho deste domingo, um discípulo pediu ao Salvador: “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11, 1). Uma palavra, na resposta de Jesus, transformou para sempre o modo de nos dirigirmos ao Criador: “Pai”. Quanta riqueza nesta revelação: Deus é nosso Pai! E, por vontade d’Ele, Maria é nossa Mãe! Somos seus filhos pelo dom da graça e nossas orações devem, pois, brotar de uma confiança filial, íntima e reverente.

Conforme nos prometeu o Divino Mestre, sempre seremos atendidos: “Quem pede, recebe; quem procura, encontra; e, para quem bate, se abrirá” (Lc 11, 10). Há, entretanto, uma condição: apresentar a Deus nossas súplicas com fé, humildade e perseverança, ordenando tudo à sua glória e à nossa salvação.

Mas a bondade de Deus, ao nos tornar filhos e acolher nossas súplicas, exige correspondência. Amor com amor se paga. E amar implica viver retamente e repudiar tudo quanto conduz à catástrofe de perder a graça: seduções do demônio, atrações do mundo e desordens da carne. Quem peca gravemente abandona o estado de filho de Deus, irmão de Cristo e herdeiro do Céu, e se faz escravo de Satanás, partidário dos réprobos e réu do inferno, enquanto não se arrepende e confessa suas culpas. De outra parte, quando trilhamos as vias da virtude

nossa amar é recompensado com Amor: o Espírito Santo, dom por excelência (cf. Lc 11, 13).

Para Santa Teresa de Jesus, o coração da vida espiritual está na oração. Com sabedoria mística, ela a descreve também como um convívio enraizado na caridade: “A oração mental nada mais é que ter um trato de amizade, estando muitas vezes a sós com quem sabemos que nos ama”.³ Muito além da recitação de fórmulas, consiste numa relação viva, na qual somos transformados interiormente. O convívio diário e frequente intensifica a amizade. Não precisamos de complicados discursos. Basta saber-nos amados... e respondermos com amor.

À luz do exemplo dos Santos e das almas puras, podemos concluir que só o convívio com Deus aperfeiçoará plenamente nossa vida espiritual. “Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”, eis o objeto de nossa felicidade no Céu, já iniciado na terra por meio da oração. “Na visão beatífica”, afirma Mons. João, “em meio à felicidade de conviver com o Senhor, viveremos em oração, pois ela consiste na elevação da mente a Deus. E rezar no tempo é o melhor caminho para estar em oração por toda a eternidade”.⁴ ♣

Os atos de piedade nos convidam a um convívio mais intenso, fervoroso e filial com Deus

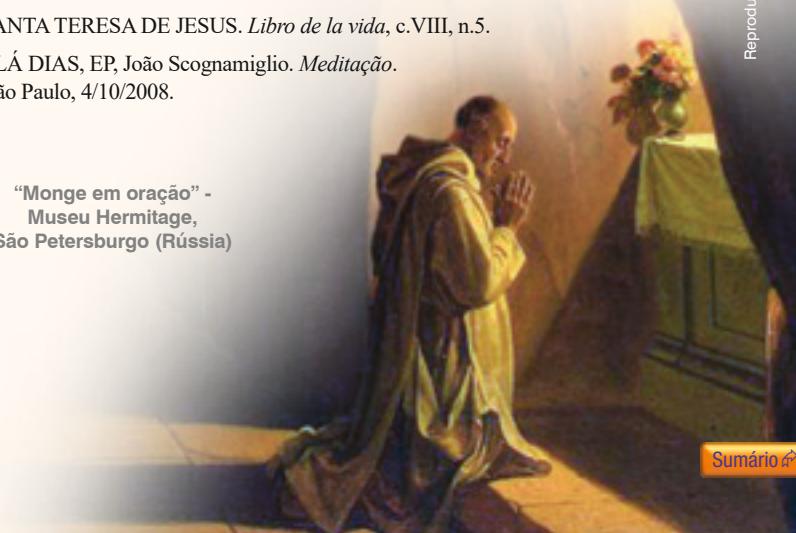
¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Dona Lucilia*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.472.

² CCE 2560.

³ SANTA TERESA DE JESUS. *Libro de la vida*, c.VIII, n.5.

⁴ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Meditação*. São Paulo, 4/10/2008.

“Monge em oração” -
Museu Hermitage,
São Petersburgo (Rússia)





Sinfonia de admiração e hierarquia

A vida da Sagrada Família constitui o exemplo máximo de relacionamento, marcado pela constante permuta de admiração, obediência e humildade entre seus membros, e tendo como base e centro o próprio Deus.

℟ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Todo cristão deve desejar a total união e identificação de espírito com Deus, conforme afirma Nossa Senhor: “Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito” (Mt 5, 48). Para isso, é muito útil e conveniente ter no coração e na mente a vida oculta da Sagrada Família, e procurar com devação e respeito conhecer e amar sempre mais este modelo, adorando a Nossa Senhor Jesus Cristo e venerando com culto de hiperdulia a Nossa Senhora e de protodulia a São José.

Quanto podemos aprender nessa intimidade entre os Três, embora não tenham sido escritos todos os fatos ali passados!

Um Coração divino e humano

Consideremos a figura de Nossa Senhor Jesus Cristo. Deus Se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14). É nessa humanidade de Jesus, unida à divindade na Pessoa do Verbo, que deve recair primeiro nosso olhar e se arrebatara nosso amor.

Se n'Ele não podemos compreender a Deus, compreendemos ao menos o Homem, dotado de um Coração passível de todas as emoções naturais e que possuía, em perfeita ordem, disciplina e equilíbrio, nossos próprios sentimentos elevados a um plano infinito! Como desejariamos contemplá-Lo aos

trinta anos, em sua beleza humana iluminada pela divindade, pleno de atratividades, numa majestade imperial e numa suavidade grandiosa!

Como deveria ser o divino olhar de Nossa Senhor? Como seria a serenidade de seu semblante, a manifestação de seu afeto e bondade através de um sorriso? Quais eram as alegrias e as tristezas que perpassavam sua Alma? O amor que tinha pelos demais homens, seus irmãos, Lhe fazia rejubilar-Se com as alegrias deles e sofrer à vista de seus males, indo ao encontro de todas as dores morais, indiferenças, ingratidões, decepções, desprezos...

Nossa Senhor, tão puro, bom e majestoso, espalhava uma paz perfumada e deliciosa, que preenchia as almas e saciava a imensa necessidade que todo coração humano tem de amar e ser amado.

Durante trinta anos Jesus conviveu com Nossa Senhora e São José sob o mesmo teto, numa atmosfera de pobreza e grandeza, de amor e de paz, no silêncio, no isolamento, na escravidão recíproca...

Ali Ele cresceu em sabedoria e graça (cf. Lc 2, 52), preparado de longe por uma ação divina para sua grande missão no futuro, e acompanhado de perto por uma fisionomia maternal, a imagem admirável da pura dedicação, Maria Santíssima, que Lhe demonstra-

va todo o seu carinho, num misto de adoração e obediência, e a alta compreensão que tinha dos destinos d'Ele.

Ali, já adolescente, Ele foi instruído por São José no ofício de carpinteiro, aprendendo a manusear os instrumentos próprios. Passou trinta anos honrando o trabalho e glorificando a humildade, para nos ensinar o caminho do Céu mediante a abnegação, a mortificação e a penitência.

Um Coração sábio e maternal

Nesse ambiente, o Sagrado Coração de Jesus encontrava uma réplica perfeita de Si mesmo, guardadas todas as proporções, no Imaculado Coração de sua Mãe.

Já no episódio da Anunciação, quando Nossa Senhora recebe a imensa honra de trazer Deus ao mundo, e sobretudo a partir do nascimento do Menino Jesus, apreciamos n'Elas o paradoxo de reunir os mais elevados predicados da natureza feminina: virgindade e maternidade. Pouco depois, Ela entra no Templo para entregar seu Primogênito como vítima expiatória pelos pecados da humanidade.

Sempre muito recolhida, guardando todas as coisas no seu Coração (cf. Lc 2, 19,51), a Santíssima Virgem deveria aplicar constantemente sobre Nossa Senhor seu instinto materno



Thiago Tamura

Durante trinta anos Jesus conviveu com Nossa Senhora e São José sob o mesmo teto, numa atmosfera de pobreza e grandeza, de amor e de paz, acompanhado de perto pelo olhar de sua Mãe Santíssima

“Virgen Blanca” - Coleção particular

dom ou privilégio concedido a algum Santo, foi também dado a Maria no grau máximo, desde que Lhe conviesse.¹ Ora, se Nossa Senhor Se transfigurou para três Apóstolos no Tabor, e revelou posteriormente a São Paulo tantos mistérios divinos, durante a vida em Nazaré deve ter-Se transfigurado várias vezes diante de Nossa Senhora.

Podemos imaginar inclusive que, enquanto dormia, em sonhos Ela visse às vezes o Menino Jesus no seu esplendor e glória. Na verdade, Ele próprio devia inspirar os sonhos de sua Mãe à noite, para dar-Lhe uma real noção de Si mesmo. Ao despertar, os olhos de Maria imediatamente Se voltavam para o seu Filho e O contemplavam dormindo sereno, numa adorável inocência. Era a humanidade do Verbo Encarnado que se tornava manifesta, para habituá-La a contemplar os lados sobrenaturais nos aspectos humanos e assim ampliar seu discernimento.

Um coração forte e paterno

Por fim, resta-nos considerar o coração forte e meigo, grave e afável, cheio de energia e resolução, de um homem que exerceu um papel de suma importância nos mistérios da sagrada infância de Nossa Senhor: São José.

O título de maior poder e honra deste nobre varão consiste em ser chamado pai de Jesus. Sabemos que, segundo o direito de propriedade, se alguém possui uma árvore plantada em seu terreno, também lhe cabe o fruto que a árvore produz. Ora, Jesus Cristo é o fruto abençoado da Virgem Santíssima, a qual pertence a José na qualidade de esposa legítima. Portanto, mais do que por

simples adoção, ele é pai por ser esposo e salvaguarda da virgindade d'Aquela que deu à luz o Filho de Deus.

Ademais, tendo Jesus nascido na terra, sujeito à fome e ao frio, exposto às perseguições e às injúrias, o Pai Celeste deu ao seu Unigênito um guardião que O governasse e defendesse, e Lhe providenciasse casa, alimento e proteção.

Mas a explicação da paternidade legal e nutritiva não exprime a realidade inteira. Com efeito, a geração dos filhos não está baseada só nem principalmente no aspecto biológico, embora este seja indispensável de acordo com as leis da simples natureza. Para que os filhos sejam concebidos é necessário, em condições normais, que antes haja um consentimento da vontade de ambos os cônjuges. E esse é o aspecto mais nobre da geração, pois envolve a racionalidade do homem e não a mera dimensão corpórea.

Ora, ao saber com clareza do milagre verificado em Nossa Senhora na Anunciação, o Santo Patriarca exultou com frêmitos de adoração e gratidão, conformando-se inteiramente ao operado por Deus no seio virginal de sua Esposa (cf. Mt 1, 24). E, uma vez que o Todo-Poderoso nunca destrói a natureza, mas sempre a sublima, quis Ele que José, por sua aceitação voluntária, excluído o ato natural da geração, fosse pai a pleno direito do fruto das entranhas de Maria.

Por isso o Anjo, como emissário da vontade divina, ordena-lhe impor o nome ao nascituro e receber sua Esposa já com os sinais da divina gravidez (cf. Mt 1, 20-21). Dessa forma o matrimônio entre Nossa Senhora e São José não só foi verdadeiro, como também fecundo, embora por meio de

e seu senso psicológico, aliados aos dons sobrenaturais que possuía. Ora, é próprio à natureza humana a propensão de, quanto mais conhece, mais querer conhecer. E Ela, que sabia mais do que todos os Anjos e Santos juntos, sem dúvida tinha enorme desejo de compreender mais! Ao mesmo tempo, o Menino-Deus deveria Se alegrar em despertar santas curiosidades em sua Mãe, criando condições para que Ela perguntasse. E Maria, num tom respeitoso, perguntava sempre que podia!

Em certos momentos era Jesus quem, de forma muito natural, A interrogava, para ajudá-La a explicitar suas impressões e dar-Lhe o mérito da resposta. Mas no comentário d'Elas, seu Filho A inspirava com muita suavidade, para que concluísse o que Ele queria. De maneira que, terminada a explicação, Maria Lhe agradecia a pergunta feita, pois era Ela quem havia aprendido.

É evidente que Nossa Senhora teve uma fé muito ilustrada por fenômenos místicos, para mais tarde não desfalecer durante a Crucifixão. Os teólogos são unâimes em afirmar que todo



um milagre, tornando-se ele o pai virginal do Menino Jesus.

José viveu unicamente para Jesus e Maria, dedicado a amparar e exaltar Ambos. Quando deitava o olhar com profundidade no Menino, tais eram seu encanto e admiração, que ia modelando sua própria personalidade em função do que analisava. E para Nossa Senhora ele era um sustentáculo, um amigo, um consolador.

Em circunstâncias nas quais compreendia ser seu dever apagar-se, vemo-lo desvanecer-se como fumaça de incenso. Assim aconteceu na visita dos Reis do Oriente e na Apresentação no Templo, episódios em que as atenções se dirigem mais especialmente a Maria Santíssima. Quando, ao contrário, na fuga para o Egito foi preciso tomar a dianteira, exercendo a atividade própria a um chefe de família, ele volta a aparecer. E mais tarde, tendo Nossa Senhor Jesus Cristo Se desenvolvido por inteiro, São José sentiu que sua missão já estava cumprida e se ocultou novamente.

O Santo Patriarca é para nós um modelo admirável de humildade e de completo esquecimento de si próprio! Chamado a tão grandiosa missão, dele, entretanto, pouco se conhece. Assim São José nos dá a grande lição de como toda autoridade humana deve se dobrar e ceder lugar quando os interesses de Deus se manifestam nesse sentido.

Juan Carlos Villagómez

Sinfonia da admiração e da perfeita hierarquia

Havia na Sagrada Família uma conjuntura paradoxal, criada pela Pro-

vidência, pela qual quem mais deveria mandar era quem mais obedecia.

O Criador, apresentando-Se como uma criança, a tal ponto quis fazer valer essa regra do paradoxo que Se ofereceu como escravo a Maria, pela total dependência em relação a Ela durante os nove meses nos quais esteve em seu clauso materno. Ele Se alegrava em sentir-Se Filho e quis permanecer nas mãos de Nossa Senhora e de São José durante toda a sua vida familiar, enquanto menino, enquanto jovem e enquanto já homem maduro, até o momento em que

abandonou a casa para iniciar sua vida pública.

A Mãe de Deus, escolhida na ordem da criação para ser elevada ao plano hipostático relativo, a mais santa das puras criaturas, submetia-Se a seu esposo.

José, por fim, era inferior a Nossa Senhora e ao Menino Jesus; mas enquanto esposo e pai tinha o mando. Zeloso por excelência no cumprimento de todos os seus deveres conjugais, ele os guiava, os conduzia.

O que acontecia no relacionamento

entre esta verdadeira trindade na terra? Tratava-se de uma sinfonia da admiração, da compreensão da graça em uns e em outros, da qual todos aproveitavam, criando uma união cuja base e centro eram o próprio Deus.

Isso mostra o quanto Deus ama a autoridade e quer que as mediações sejam respeitadas. A ideia de que todos os homens são iguais cai por terra ante o exemplo da Sagrada Família, na qual encontramos a escola da perfeita hierarquia. Quando a família é equilibrada, o varão tem um papel de domínio mais marcante que a mulher e os filhos; e a ordem se estabelece a partir desse princípio. Vê-se que, no Paraíso, o demônio quis justamente acabar com a maravilha da desigualdade: Eva deu ao animal um valor indevido; e Adão, por sua vez, teve em relação a ela um amor que já não estava inteiramente fundado em Deus. Por isso se subjugou à mulher aceitando o fruto proibido e, assim, ambos pecaram.



O matrimônio entre Nossa Senhora e São José não só foi verdadeiro, como também fecundo, embora por meio de um milagre, tornando-se ele o pai virginal de Jesus

"Sagrada Família" - Museu Nacional do Vice-Reinado, Tepotzotlán (México)

A escola do ceremonial e da Liturgia

A par dessa elevação, na Sagrada Família tudo se passava no ambiente comum da vida de todos os dias, num convívio, na maior parte do tempo, muito humano.

Onde estava o palácio? Onde o grande berço para o Menino? A indumentária, os ricos vestidos? E a honra devida a um rei? Eles poderiam ter habitado num suntuoso edifício; entretanto, saíram da Gruta de Belém e, desde que voltaram do Egito, moraram numa casa simples e humilde! Por quê?

A Providência assim quis para ressaltar o importante papel do ceremonial pois, quando não se tem um palácio e é-se constrangido a viver numa condição de pobreza, o enfeite e a beleza das paredes devem ser constituídos pela luz que sai dos modos ceremoniosos ali praticados.

É na casinha da Sagrada Família onde aprenderemos os bons costumes e as maneiras educadas. É na pequena Nazaré que receberemos a lição da grandeza e a escola do ceremonial. É ali que compreenderemos ser indispensável fazer tudo com pulcritude e elevação de espírito constantes.

O culto divino e os ritos que depois surgiram na Igreja são decorrência do modo de relacionar-se da Sagrada Família, a qual, por sua vez, repetia de alguma forma a divina e insuperável "liturgia" existente nas relações das Três Pessoas da Santíssima Trindade.

Este convívio era o encanto dos Anjos, os quais deveriam se suceder para contemplar aquela magnífica cerimônia permanente, composta por um Deus feito Homem, pela mais excelsa de todas as puras criaturas e pelo glorioso Patriarca da Santa Igreja.



Arquivo Revista

O convívio da Sagrada Família espelhava a divina "liturgia" existente nas relações das Três Pessoas da Santíssima Trindade

Mons. João em agosto de 2007

Sob o signo do triunfo

Quem, entretanto, dentre a humanidade daquele tempo, se inteirou do que acontecia em Nazaré?

A maioria o ignorava completamente. Outros, por causa de sua ambição, se espantaram quando souberam dos misteriosos acontecimentos que circundaram o nascimento de Jesus: "Veio para o que era seu, mas os seus não O receberam" (Jo 1, 11). Muitos dos que tiveram contato com a Sagrada Família nada perceberam, por não possuírem suficiente fé...

Mais tarde outros, como os fariseus e Herodes, rir-se-ão de Jesus. São estes os sensuais, que não entendem apesar de terem a Verdade diante de Si: "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam" (Jo 1, 5). E chega-se à aberraçao do contraste: "O boi conhece

o seu dono, e o asno, o estábulo do seu senhor; mas Israel não conhece nada, e meu povo não tem entendimento" (Is 1, 3).

Ele veio para todos, mas poucos, muito poucos, ouviram a voz de Deus; estes são os homens de boa vontade.

Aquele Menino, nascido sob o signo da perseguição que culminaria na Paixão e Morte de Cruz, veio também sob o signo do triunfo, pois Ele operou sua própria Resurreição! Ele quis sofrer por nós, mas nunca deixou sua realeza, conforme disse a Pilatos: "Tu o dizes: Eu sou Rei" (Jo 18, 37). Sua religião, sua revelação, a infalibilidade da verdade que Ele conferiu à Igreja, a santidade que Ele nos trouxe são imortais e invencíveis.

Aquele Menino cindiu a História até o fim dos tempos, sendo causa de soerguimento para aqueles que creem n'Ele, e causa de queda para aqueles que O abandonam e rejeitam (cf. Lc 2, 34-35).

É em função de Jesus, de Maria e de José que se revelam os pensamentos dos corações e se dá a divisão entre os que estarão à direita ou à esquerda do Divino Juiz no último dia; entre os que são de Deus e os que são de Satanás; entre os que irão para o Céu e os que serão lançados no inferno. ♣

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2009, bem como da obra *São José, quem o conhece?*...

¹ Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *La Mère du Sauveur et notre vie intérieure*. Lyon: Les Éditions de l'Abeille, 1941, p.135-136; ROYO MARÍN, OP, Antonio. *La Virgen María. Teología y espiritualidad marianas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1997, p.47.

Mistério de amor e união, comunicado aos homens

O vínculo conjugal constitui um altíssimo desígnio de Deus na criação, o princípio e a honra da fecundidade, uma fonte de graças para o mundo.

▽ Pe. Carlos Adriano Santos dos Reis, EP



De todos os Sacramentos, o casamento é sem dúvida o mais comemorado. Trajes de gala, joias, buquês, convidados, seletos banquetes, suntuosas festas... tudo costuma ser providenciado com o esmero que exige esse acontecimento único, que mudará a vida dos noivos para sempre. Entretanto, quão poucos são os que consideram sua sublimidade sobrenatural!

O matrimônio de fato merece a pompa e a festividade de que costuma ser cercado, a ponto de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira afirmar que só a prevalência de tal solenidade constituía, de si, um significativo freio para o avanço da Revolução. Contudo, a razão para isso não deve ser humana, sentimental nem, menos ainda, mundana; semelhante aparato encontra sentido na altíssima dignidade desse Sacramento, em seu simbolismo e em seu papel primordial para a construção de uma sociedade saudável e cristã.

União sagrada desde o princípio

“Não é bom que o homem esteja só”, disse Deus ao contemplar sua obra-prima, Adão; “vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja adequada” (Gn 2, 18). Assim se iniciou a história do relacionamento humano, desde o primeiro momento já marcada pelo

carinho divino e por uma grande elevação, manifestada em cada detalhe.

Um desses pormenores reside na palavra hebraica *ezer*, utilizada para designar “auxiliar que lhe seja adequada”. Trata-se de um matiz que se perdeu nas diversas traduções da Sagrada Escritura: das cem vezes em que o termo *auxílio* aparece no Antigo Testamento, *ezer* é usado apenas em referência a Deus como ajudante do homem – dezenas vezes –, e a Eva. Isso sugere que ela não estava em relação a Adão como uma serva, ou com o papel exclusivo da maternidade, mas sim como uma ajudante ao modo como Deus o é. A mulher, portanto, constitui para o homem um complemento espiritual.

Em seguida narra o Gênesis que, depois de criar Eva e apresentá-la a Adão, o Senhor os abençou, dizendo: “Deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24). E esta bênção tornou possível e digno o cumprimento do mandato: “Multiplicai-vos e enchei a terra” (Gn 1, 28).

Em consequência, a união conjugal está destinada a produzir dois frutos: um natural, que é a perpetuação da espécie humana; outro espiritual, que é o auxílio mútuo e a santificação dos côn-

judes, cujo relacionamento deve participar do mais alto grau de amizade.¹ Esse vínculo possui verdadeiramente um caráter sagrado, não adquirido, mas intrínseco, não inventado pelos homens, mas impresso na própria natureza, por ter Deus como autor e por ser figura da Encarnação do Verbo.²

Elevação ao plano sobrenatural

O Divino Mestre não pouparon esforços para enaltecer a santidade do matrimônio. Narram os Evangelhos que, como início de sua vida pública, Ele Se dignou comparecer a um casamento acontecido em Caná, na Galileia (cf. Jo 2, 1-11). “Ele, que nasceu de uma Virgem e por seu exemplo e suas palavras exaltou a virgindade, [...] quis honrar o casamento com sua presença e lhe premiar com um grande dom [seu primeiro milagre], a fim de que ninguém visse no casamento uma simples satisfação das paixões, nem o declarasse ilícito”.³

Em suas pregações pela Judeia, e em oposição às deformações introduzidas pela praxe no povo eleito, o Redentor completou sua obra elevando a união conjugal à condição de Sacramento e restituindo-lhe a primitiva pureza e indissolubilidade: “Não separe o homem o que Deus uniu” (Mt 19, 6).

Ao casamento alçado ao plano sobrenatural ficava então vinculada a graça de Deus para sempre. Ninguém mais precisaria ver nele somente um estando que impunha deveres difíceis, mas uma verdadeira fonte de benefícios, auxílios e bônus.

Essa união possui, no entanto, um aspecto ainda mais sublime.

"Este mistério é grande"

Afirma São Tomás de Aquino⁴ que há quatro Sacramentos ditos grandes: o Batismo, por razão do efeito, que consiste em apagar o pecado original e abrir as portas do Céu; a Confirmação, por razão do ministro, pois somente os Bispos a dispensam; a Eucaristia, porque contém o próprio Cristo; e o Matrimônio, por razão de seu significado, uma vez que representa a união de Cristo com a Igreja.

De que excelente condição simbólica adornou Deus o vínculo matrimonial! Com efeito, a Tradição ensina que, tal como ocorreu com Adão e Eva no Paraíso, do costado de Cristo adormecido na Cruz o Pai formou-Lhe uma Esposa: a Igreja.⁵ E o Cordeiro Divino, ao despertar ressurreto do sono da morte, contemplou-a – carne de sua carne e ossos de seus ossos (cf. Gn 2, 23) – com infinito amor e uniu-Se a ela em místico desponsório. Destas sagradas núpcias serão gerados todos os filhos de Deus até a consumação dos séculos.

“Cada matrimônio”, comenta Mons. João Scognamiglio Clá Dias, “repete, em escala inferior, este supremo conúbio”.⁶ Já que é virtude própria do Sacramento operar aquilo que simboliza, marido e mulher *participam* realmente da união entre Cristo e sua Igreja.⁷

Defensor deste grande mistério (cf. Ef 5, 32), São Paulo estabelece em sua Epístola aos Efésios uma estreita analogia entre o desponsório do Salvador e o dos homens, apresentando,

com palavras cheias de unção, o primeiro como modelo do segundo: “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu Corpo, da qual Ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do Batismo

com a palavra, para apresentá-la a Si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (5, 22-27).

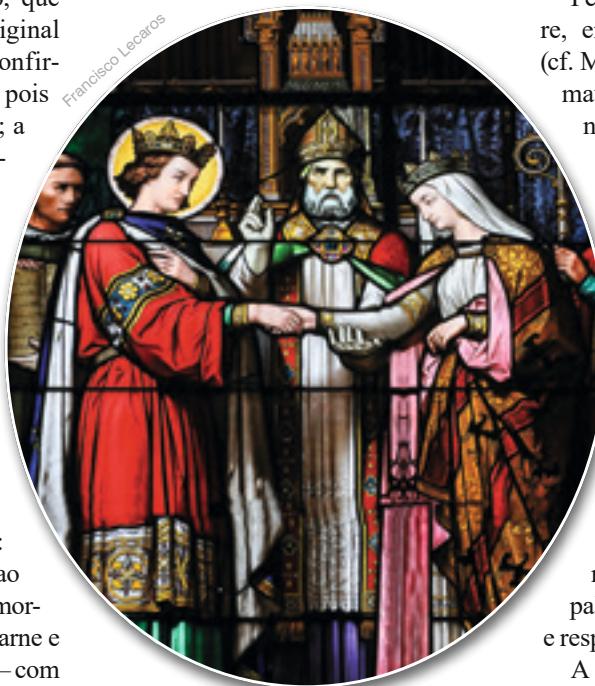
Difícilmente Deus poderia ter cumulado de mais dignidade, santidade e graça esse Sacramento, numa co-movente demonstração de seu imenso amor pelos homens.

Família, célula originária da vida social

Pelos frutos conhecemos a árvore, ensinou-nos a Sabedoria Eterna (cf. Mt 7, 16-20). Pois bem, sendo o matrimônio árvore tão excelente, não poderíamos esperar dele frutos menos importantes.

A família é a *cellula mater* da sociedade. Repousando sobre o tríplice bem da fidelidade, da indissolubilidade e da prole,⁸ essa instituição, tão forte e orgânica em sua simplicidade, tem crucial influência sobre os fenômenos sociais, e apenas por meio dela o Reino de Cristo pode estabelecer-se na terra. Por isso, o ofício de gerar e educar novos seres humanos, fim principal do casamento, é de uma nobreza e responsabilidade singulares.

A relação familiar, como explica Dr. Plínio Corrêa de Oliveira,⁹ é uma espécie de analogado primário de todas as outras relações que o homem estabelecerá ao longo de sua existência. Naturalmente os autênticos vínculos afetivos de um indivíduo, como os estabelecidos com um amigo ou um mestre, tendem a transformar-se em fraternais e filiais; e as relações que não têm, ao menos em parte, um caráter parental são supérfluas, instáveis ou mesmo falsas. Ademais, a criança que cresce num ambiente familiar saudável entende com facilidade, por exemplo, o que é a lealdade ou o amor desinteressado, e torna-se apta a possuir tais disposições para com outros.



Casamento de São Luís IX com Margarida de Provença - Catedral de São Luís, Blois (França)

O vínculo matrimonial possui um caráter sagrado, pois tem Deus por autor e constitui figura da Encarnação do Verbo e de sua união mística com a Igreja



Mais ainda, os pais são para os filhos a primeira imagem de Deus. Através do relacionamento afetuoso e delicado com seus progenitores, a criança compreenderá, mais tarde, como deve ser sua relação com o Pai Celeste, que cuida dos homens tomando-os nos braços, atraindo-os com laços de amor e abaixando-Se a dar-lhes de comer (cf. Os 11, 3-4), não alimentos perecíveis, mas o seu Corpo e seu Sangue, no Pão da Vida e no Cálice da salvação eterna.

Do casamento que conserve sua santidade, unidade e perpetuidade, a sociedade pode esperar cidadãos probos que, acostumados a amar e reverenciar a Deus, tenham por dever obedecer às autoridades legítimas, estimar a todos e não causar dano a ninguém.¹⁰ “É preciso que o mundo aprenda de novo a acreditar que o matrimônio é algo eminentemente grande, santo e divino, e que da conservação de sua pureza dependem sua força, sua saúde e sua salvação”¹¹

Família ontem, hoje e sempre!

Mesmo no vale de lágrimas de nossa existência mortal, o casamento pode, pela graça divina, transformar-se num Céu terrenal. Um Céu não de gozos carnais e sentimentais, mas de amor verdadeiro e duradouro, que tem a Deus

Arquivo Revista



São Luís e Santa Zélia Martin com suas cinco filhas, entre as quais Santa Teresinha do Menino Jesus

*Pela graça divina,
o casamento pode
transformar-se num
Céu terrenal de amor
verdadeiro e duradouro,
que tem a Deus
como fundamento*

¹ Cf. MATRIMÔNIO. In: MONDIN, Battista. *Dicionário encyclopédico do pensamento de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2023, p.431.

² Cf. LEÃO XIII. *Arcanum Divinæ Sapientiae*, n.11.

³ SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA. *De incarnatione Domini*, c.XXV: PG 75, 1463.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Epistolam Beati*

Pauli ad Ephesios lectura, c.V, lect.10.

⁵ Cf. SANTO AGOSTINHO. In *Iohannis evangelium tractatus*. Tractatus CXX, n.2.

⁶ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. São Paulo, 14/1/2006.

⁷ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Summa contra gentiles*. L.IV, c.78.

⁸ Santo Agostinho, apoiado depois por São Tomás de Aqui-

no (cf. *Summa contra gentiles*. L.IV, c.78), ensina que o matrimônio possui três grandes bens: a fidelidade, pela qual os cônjuges não se unem a ninguém fora do vínculo nupcial;

a indissolubilidade, pela qual mantém o compromisso até que a morte os separe; e a prole, a ser recebida com amor e educada religiosamente (cf. SANTO AGOSTINHO. *De Genesi ad litteram*. L.IX, c.7).

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. O tecido social perfeito. In: Dr. Plínio. São Paulo. Ano XVIII. N.209 (ago., 2015), p.18-23. Ver a transcrição completa do artigo na seção *Um profeta para os nossos dias*, nesta Revista.

¹⁰ Cf. LEÃO XIII, op. cit., n.14.

¹¹ WEISS, OP, Alberto María. *Apología del Cristianismo*. Barcelona: Herederos de Juan Gili, 1906, v.VII, p.446.

como fundamento; não isento de dores e sacrifícios, mas circundado com a superabundância das forças necessárias para vencer qualquer obstáculo.

Que golpe, pois, para o terríssimo Coração de Jesus, que com tanta bondade presenteou os homens com o dom desse Sacramento, ver a quantidade enorme de almas que em nossos dias o desprezam! Que ultraje cometem contra Ele os mundanos, ao dizerem que a solução para os problemas matrimoniais é abolir toda forma de compromisso, assim como abandonar os critérios tradicionais e supostamente obsoletos a respeito de família! E afirmam-no como se a sociedade hodierna, na qual já vigoram tais procedimentos, não fosse a prova mais palpável de seu equívoco!

A solução para acabar com os problemas da família não é destruí-la, mas aproximá-la de Deus, seu Autor e Salvador, e da Santa Igreja, seu esplêndido e maternal modelo. Propague-se essa verdade por todo o orbe e a luz de Cristo começará a brilhar sobre as terríveis crises psicológicas, emocionais e morais que assolam a humanidade; compenetrem-se da santidade de seu estado os casais católicos, e se criará no mundo as condições necessárias para o estabelecimento do reinado de Jesus e de Maria. ♣

União selada por Deus

Segundo a linguagem da Tradição, “o matrimônio é uma união selada pela bênção de Deus” (TERTULIANO. *Ad uxorem*. L.II, c.8). Não basta que os consentimentos se juntem e as pessoas se deem, é preciso que o Autor da graça intervenha. Em virtude de sua intervenção, a união é santificante e santificada. A graça divina a penetra, consolida e aplaina as dificuldades. É um Sacramento. [...]

O amor natural, por mais que esteja bem fundado no respeito e na estima, nem sempre resiste às súbitas revelações que nos manifestam imperfeições, defeitos e vícios nos quais não tínhamos pensado. Nossa segurança abalada e nossa paz ameaçada desanimam o pobre coração que se julgava tão sólido e o convidam a deixar de amar.

Numa pessoa decaída e sem controle de suas paixões, o amor natural cansa-se de estar ligado a um mesmo objeto. Com muita facilidade – infelizmente! – a inconstância e o capricho o desviam para algum outro objeto perto do qual ele esquece seu dever e seus juramentos. Lamentável fraqueza da qual o matrimônio sofreu em todas as épocas.

Depois, porém, que Cristo o santificou, a graça aperfeiçoa o amor. Ela o torna sábio. Ela lhe ensina que neste mundo nada é perfeito; que a infinita beleza de Deus é o único ideal capaz de contentar um coração ávido de perfeição; que quando não temos tudo quanto quereríamos amar, devemos amar aquilo que temos. Ela purifica os olhos da natureza, torna suportáveis as desgraças, comoventes as enfermidades, amáveis a ancianidade e os cabelos brancos.

A graça torna paciente o amor. Ela o protege contra o choque dos defeitos que ele pôde conhecer e contra a revelação por demais brusca daqueles que escaparam à sua perspicácia.

A graça torna justo e misericordioso o amor. Ela o persuade facilmente de que, se temos de sofrer, nós também causamos sofrimentos, e de que – na vida de casal, mais do que em qualquer outra situação – é preciso pôr em prática esta máxima evangélica: “Carregai os fardos uns dos outros”. Em lugar de censuras, ela sugere desculpas. Ela transforma as recriminações em bons conselhos, sábias exortações, suaves encorajamentos, amáveis correções; ela enternece os corações e os inclina a perdoar facilmente.

Por fim, a graça torna o amor fiel ao dever; ela o apresenta sob uma luz radiante que as nuvens da fan-

tasia, do capricho, da ilusão e da mentira não podem obscurecer, e o faz encontrar na constância honra e alegrias, pelas quais ele rende graças a Deus, que é tão fiel até mesmo com aqueles que O ultrajam. [...]

Eis o matrimônio. Duas vezes honrado pela intervenção de Deus, nas solenes épocas da criação e da Redenção, ele exige nosso respeito, e tenho o direito de dizer aos homens: não toqueis nele, é uma coisa santa. Sim, senhores, é uma coisa santa. Deveis compenetrar-vos desta verdade, se quereis concordar comigo a respeito das conclusões que dela devo tirar. Essas conclusões só podem confirmar a afirmação de São Paulo: “É grande este sacramento – *Sacramentum hoc magnum est*”. ♣

MONSABRÉ, OP, Jacques-Marie-Louis.
Exposition du dogme catholique. Grâce de Jésus-Christ. Mariage. Paris: L'Anne Dominicaine, 1890, v.V, p.32-33; 40-43



Gustavo Kralj

Duas vezes honrado pela intervenção de Deus, nas solenes épocas da criação e da Redenção, o matrimônio é algo santo e exige nosso respeito

Bodas de Caná - Igreja de São Patrício, Boston
(Estados Unidos)



O grande desafio dos pais

Dos albores ao ocaso de sua existência, o homem será um reflexo daquilo que aprendeu em família. Qual será o segredo dessa primeira e primordial formação?



✉ Bruna Almeida Piva

Os filhos nascem sem manual de instruções. Surgem mudando todas as regras, abolindo horários, desfazendo egoísmos. E, na verdade, só depois de muitos fracassos os progenitores descobrem que, para bem formá-los, é necessário mais do que livros: cumpre ser bons pais...

Munidos de sublime e altíssima missão, equiparável à da criação – já que é por meio deles que Deus povoia a terra e o Céu de novos homens –, os pais são os emissários divinos para a manutenção da vida dos filhos, os depositários das esperanças do próprio Criador em relação a eles. A seu modo, devem ser a primeira imagem da divindade apresentada aos filhos.

Ora, como desenvolver com perfeição a tarefa de educar a prole, em dias tão conturbados?

Missão árdua, mas possível

A educação sempre foi e ainda é um grande desafio, que resulta até desalentador se tomarmos em consideração a imensidão das dificuldades que o mundo de hoje oferece e a legião dos inimigos, velados ou declarados, que perturbam a relação pais-filhos.

Difícil, porém, não significa impossível. E o segredo do bom êxito está, em primeiro lugar, em que os pais se compenetrem da desproporção da tarefa que assumem e que implorem para isso o auxílio especial de Deus, perante quem prometeram fidelidade incondi-

cional ao abraçar as vias do matrimônio. É sobretudo na oração que encontrarão força e sabedoria para orientar cada etapa da formação dos filhos.

O segundo passo consiste em escutar os conselhos que a Santa Igreja, como verdadeira Mestra da verdade, oferece às famílias cristãs de todos os tempos.

Afeto verdadeiro e equilibrado

De acordo com a sadia tradição cristã, tantas vezes sustentada pelo Magistério, existem alguns princípios gerais a serem observados num processo de formação católico e saudável.

A responsabilidade essencial dos pais é, sem dúvida, o afeto. Este termo, contudo, deve ser compreendido com seriedade, desintoxicado das profundas deformações que atualmente sofre. Não se trata de um afeto sentimental que aprova, com o mesmo entusiasmo, as virtudes e os vícios do filho; trata-se, isto sim, de um afeto profundíssimo, mas esclarecido e inteligente, de um amor sem fraquezas, sem sensibilidades exageradas, sem egoísmos e sem predileções gratuitas, ordenado em função de Deus e que tem por objetivo a santidade.



Leandro Souza

A responsabilidade essencial dos pais é, sem dúvida, o afeto, o amor ordenado em função de Deus e que tem por objetivo a santidade

“Deus fez o coração do pai e da mãe um tesouro de amor, um escrínio de ternura”,¹ ressalta o Cônego Boullenger. Nesse sentido, todo cuidado é pouco: o carinho, quando excessivo, muitas vezes acaba tornando-se nocivo. E a luta contra esse mal inicia-se desde o berço. Já nos primeiros albores da existência do filho, os pais devem estar atentos aos sinais da natureza decaída pelo pecado, a fim de desmascará-los e combatê-los.

Com relação aos choros da criança, por exemplo, recomenda-se que a mãe procure discernir quando são fruto de uma necessidade real e quando são motivados por algum capricho. Neste último caso, aconselha-se que não lhe dê imediatamente o que deseja; assim ela começará a perceber que não se faz sempre sua vontade. Ainda que isso pareça duro, a verdade é inconteste: muitos desvarios da adolescência seriam evitados se, na primeira infância, os pais tivessem a sabedoria de reprimir esses pequenos impulsos desordenados...

Por outro lado, há também o problema oposto: o desinteresse, que tem por causa o egoísmo e por efeito a ausência e uma dureza disfarçada de “exigência”. Trata-se de um terrível modo de *deformar* os filhos. Sendo os pais um reflexo da bondade de Deus junto a eles, devem dar-lhes toda a atenção de que carecem para desenvolver-se. Descendo ao concreto, parece inadmissível, por exemplo, que uma mãe ou um pai, cansados dos prolongados choros ou solicitações do filho, ponham-lhe nas mãos um *tablet* ou celular – recurso frequente, infelizmente – para livrar-se do incômodo de atendê-lo...

Amor sem predileções

O afeto precisa ainda observar outra regra importante, especialmente em famílias numerosas: ele não pode demonstrar predileções fundadas em afinidades temperamentais ou intelectuais, mas deve dedicar a todos os filhos o máximo desvelo possível, tratan-

do cada um deles como um dom de Deus, o fruto mais excelente do matrimônio.²

Da mesma forma, os pais não podem projetar nos filhos seus próprios anseios ou ambições, pois sua meta consiste no bem e na felicidade deles e nunca na vantagem pessoal. Construir planos específicos para o futuro dos filhos, como planejar carreiras e estilos de vida, sem levar em consideração as aptidões e tendências dos pequenos é o caminho para a infelicidade.

Muitos desastres familiares advêm de desvios aparentemente simples como esses. Para evitá-los, recomenda-se que desde cedo se busque propiciar às crianças a realização de atividades lúdicas, que ponham a lume suas habilidades intelectuais e físicas; e a prática de artes diversas, esportes ou línguas estrangeiras, que favoreçam o desenvolvimento de sua personalidade e cultura. Isso ajudará no discernimento da vocação natural e sobrenatural dos filhos.

Por fim, cumpre salientar que a educação não constitui obrigação de apenas um dos progenitores. Nisso também não deve haver predileção. A criança é fruto de ambos e nela está a soma das qualidades, gostos e tendências de cada um. Não há nada melhor do que a experiência conjunta dos pais para prevenir os filhos de imitá-los os erros, insucessos e dissabores.

Educar não é só dizer “sim” ou “não”

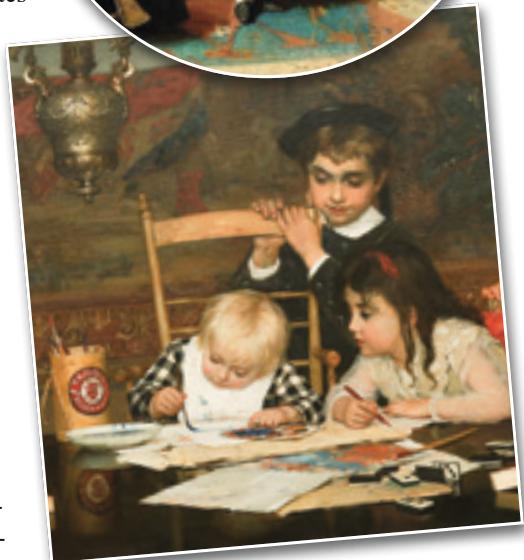
Há quem pense que educar é apenas ditar normas de disciplina. A verdadeira educação vai muito além, pois possui um alcance duplo: atinge o corpo e a alma. Utilizando-se de regras como meio e não como fim, ela desen-



Reprodução



Reprodução



Francisco Lecaros

Os pais devem estar atentos aos sinais da natureza decaída pelo pecado, a fim de combatê-los, mas também devem propiciar às crianças a realização de atividades que ponham a lume suas habilidades

Cima para baixo: “Uma mãe repreende o filho”, por Albert Becker; “A lição de música”, por Carlo Ademollo; “O menino pintor”, por Jan Frans Verhas - Museu de Belas Artes, Gante (Bélgica)



Os princípios de civilidade são obrigação familiar desde o berço, como também a instrução religiosa: as noções básicas a respeito de Deus e os atos de piedade em família são elementos-chave na formação moral das crianças

"Ação de graças", por Karl Gebhardt - Coleção particular

volve bens corporais, como a saúde, a disposição e a energia, com o objetivo de criar condições favoráveis ao aprimoramento intelectual e espiritual da criança. Com efeito, os pais têm obrigação de estimular nos filhos, com palavras e exemplo, as virtudes naturais e sobrenaturais, tarefa que abrange desde a instrução básica – normas de comportamento, limpeza e cortesia – até o mais importante: o ensino religioso.

É um grande equívoco pensar que os princípios de civilidade, aliás indispensáveis, aprendem-se simplesmente nos bancos escolares. Pode ser tarde demais! Eles são obrigação familiar desde o berço. Os colégios e faculdades se limitarão a acrescentar uma certa bagagem de conhecimentos culturais a essa educação primordial.

A instrução religiosa é também uma tarefa processiva. As noções básicas a respeito de Deus, as primeiras orações, os atos de piedade em família são elementos-chave na formação mo-

ral das crianças, cuja lembrança nunca se apagará de suas memórias.

Em suma, cabe aos pais fazer dos filhos bons cidadãos e, sobretudo, bons cristãos.

Jornada paulatina

Assim como um remédio se tornaria venenoso se ingerido em grande quantidade numa única ocasião, a formação de um filho é um processo paulatino – estende-se desde o berço até a plena maturidade – e fracassaria se tivesse suas etapas adiantadas. Cada rebento deve ser modelado de acordo com sua idade e temperamento, num sapiencial misto de afeto e severidade, reconhecimento e cobrança, estímulo e repreensão.

Nos encantadores três primeiros anos de vida, recomenda-se que a criança receba pequenas responsabilidades, como guardar seus brinquedos, organizar seus pertences, levar suas roupas sujas para o local determinado e aprender a tirar pó de certas super-

ficies. Isso lhe permitirá adquirir noções de ordem e limpeza.

Depois disso, até os sete anos aconselha-se que ajude a cuidar do animal de estimação da família, arrume a própria cama, regue as plantas e lave alguns pratos, para que se sinta parte ativa da família. Se ela for crescendo saudavelmente em responsabilidades, chegará aos doze anos sabendo auxiliar em alguns afazeres domésticos, como o preparo de refeições simples, a limpeza da casa, a lavagem de roupas leves e até o cuidado dos irmãos mais novos, sem, entretanto, deixar de gozar das alegrias da vida infantil.

Esperança da Igreja e do mundo

Não existe uma faculdade que forme bons pais... assim como não existe um método capaz de prever todas as casuísticas que encerra a educação dos filhos. Uma coisa, no entanto, é certa: aquilo que os progenitores exigem da criança em seu processo de formação constituirá seu quinhão para a vida inteira, e tudo o que ela vier a ser no futuro consistirá num reflexo da educação recebida em casa.

Caros pais e mães que se aplicaram à leitura deste artigo, não economizem energias na educação de seus rebentos: eles sentirão, sob os véus da vida familiar, a bondade do próprio Deus, que prometeu ser para os homens um Pai sempre compassivo (cf. Sl 102, 13), e terão a alegria de cumprir o Mandamento de cuja prática o próprio Redentor quis dar exemplo: "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que vivas longos anos sobre a terra" (Ex 20, 12).

Ademais, como jovens cristãos bem formados, eles serão a esperança da Santa Igreja para a transformação da sociedade e do mundo. ♣

¹ BOULENGER, Auguste. *Doutrina Católica*. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2022, t.II, p.86.

² Cf. CCE 2378.



Honrar os pais: um dever sagrado

Para muitas pessoas perversas de espírito relativista, a existência do Decálogo – ou seja, o conjunto de regras morais que deve reger o comportamento do homem com respeito a Deus e a seus semelhantes – soa como algo arbitrário e descabido, uma imposição absurda ao ser humano.

Como afirma São Tomás, baseado em São Paulo (cf. Rm 13, 1), “as coisas que procedem de Deus são ordenadas” (*Suma Teológica*. I-II, q.100, a.6) e, portanto, a escolha desses preceitos, bem como a ordem em que foram dispostos, não resultam de uma determinação despótica. Antes, nos permitem entrever uma faceta da inefável sabedoria divina, que tudo dispôs no universo com conta, peso e medida (cf. Sb 11, 20).

Entre esses preceitos encontra-se: “Honra teu pai e tua mãe”. Ele encabeça o cortejo das leis referentes ao próximo, precedido apenas pelas três que se referem a Deus.

Se todo o Decálogo está ordenado em função do amor ao Senhor e ao próximo (cf. Mt 22, 40), nossos pais ocupam certamente o lugar dos mais próximos, pois “são o princípio particular de nossa existência, assim como Deus é o princípio universal” (II-II, q.122, a.5); donde a peculiar afinidade do Quarto Mandamento com aqueles que o antecedem.

O relacionamento estabelecido por esse preceito rege-se por uma virtude especial: a piedade. Derivada da justiça (cf. q.101, a.3),

ela nos impõe uma obrigação de dívida análoga a que temos para com Deus. Depois d’Ele, nossos pais são aqueles que nos proporcionaram os maiores bens naturais e, em decorrência, merecem nossa gratidão e retribuição antes de quaisquer outras pessoas (cf. a.1). Consequentemente, devemos prestar-lhes culto, reverência, honra e serviço, nas devidas proporções (cf. a.1-a.4).

A Escritura Sagrada também delineia a perfeita atitude filial: “Deus honra o pai nos filhos e confirma sobre eles a autoridade da mãe. Quem

honra o seu pai, alcança o perdão dos pecados; evita cometê-los e será ouvido na oração cotidiana. Quem respeita a sua mãe é como alguém que ajunta tesouros” (Eccl 3, 3-5).

São Tomás pergunta ainda se a virtude da piedade obriga obediência aos pais caso estes queiram induzir seus filhos ao pecado e ao afastamento do culto divino. Fiel aos ensinamentos do Divino Mestre – o qual declarou: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem ama seu filho mais do que a Mim, não é digno de Mim” (Mt 10, 37) –, o Doutor Angélico afirma categoricamente que “já não seria mais piedade filial ficar insistindo num culto que é contra Deus” (a.4).

Por fim, o Aquinate demonstra serem três as sortes de bens que os filhos recebem dos pais: a existência, o sustento e a instrução. Resta, pois, aos filhos responder tanto desvelo com gratidão, respeito e obediência e, ademais, amparar os pais na velhice, visitá-los em suas enfermidades e, se empobrecidos, mantê-los (cf. *De decem praeceptis*, a.6).

O próprio Verbo Encarnado quis ser para nós o Modelo na prática desse Mandamento: “Era-lhes submisso” (Lc 2, 51), narra o Evangelho a propósito da atitude do Menino Jesus em relação a Nossa Senhora e São José. Sigamos, pois, seu exemplo, certos do cumprimento da promessa: “A caridade feita a teu pai não será esquecida” (Eccl 3, 15). ♣



Francisco Lecatros

Depois de Deus, nossos pais são aqueles que nos proporcionam os maiores bens naturais e, em decorrência, merecem nossa gratidão e retribuição

São Luís IX sendo educado por sua mãe - Catedral a ele dedicada, Blois (França)



O tecido social perfeito

A família autenticamente católica, como ela existiu largamente na Idade Média, e a rede de relações individuais vivificadas pela observância dos Dez Mandamentos geram o tecido social perfeito.

⇒ Plínio Corrêa de Oliveira

A *cellula mater* do tecido social orgânico é a família. Ela tem, propriamente, a plenitude da organicidade, e por causa da irradiação do calor, do alento dela certa organicidade se comunica a todo o resto da sociedade. Aliás, essa organicidade da família e o conjunto do trato de umas pessoas com as outras de acordo com os Mandamentos da Lei de Deus, ou seja, a caridade recíproca, são os elementos que constituem a organicidade da sociedade.

Ao me referir à família, evidentemente não suponho a família deteriorada como ela se apresenta hoje, mas a família ideal, a qual não é uma quimera, pois existiu em larga medida na Idade Média, embora com os defeitos inerentes ao ser humano.

O vínculo familiar, numa família normal, se estabelece por uma série de tendências instintivas que são orgânicas por excelência, pois resultam do próprio organismo humano.

Existem afinidades entre pais, filhos e irmãos que derivam de terem temperamentos e modos de ser análogos, os quais decorrem em boa parte de circunstâncias mais ou menos biológicas, étnicas, hereditárias, e que formam semelhanças muito preciosas por duas razões: primeiro, porque são intimíssimas; segundo, porque diferenciam muito aquela unidade familiar das outras. Desse modo, cada família constitui um pequeno mundo distinto das outras famílias. Exagerando um pouco, diríamos que cada família tem uma cultura e uma civilização próprias.

Quando pequeno, visitando as casas de famílias que não eram aparentadas com a minha, eu tinha a impressão de fazer uma viagem a outro mundo, porque notava dessemelhanças em alguns pontos, minúsculas para o olhar do homem adulto, mas grandes para o olhar de um menino. A criança não comprehende, mas relaciona intuitivamente as singularidades que nota naquela família e percebe de forma implícita que tais características provêm de uma raiz psicológica comum, que é de um jeito na família dela e de outro em cada uma das demais famílias. No casario de uma cidade, cada residência corresponde a uma família e tem um todo próprio, de maneira que até na culinária isso se faz notar.

Reprodução



O vínculo familiar, em condições normais, se estabelece por uma série de tendências instintivas que são orgânicas por excelência

"Depois do Batismo", por Carl Feiertag

Em visita a outra família

Consideremos duas casas absolutamente de mesmo nível social, de famílias que se estimam e têm relações entre si. Um menino pertencente à família “a” vai almoçar pela primeira vez na residência da família “b”. Pode até acontecer – não é necessariamente assim – que lhe digam:

— Vejo que você está com apetite, mas se reserve um pouco porque o melhor ainda não veio: um peru preparado pela dona da casa pessoalmente, e que é uma maravilha!

O menino pensa logo num peru idêntico ao que come em casa. Quando chega o prato, parece completamente diferente. Ao provar para ver se é uma maravilha, ele não acha que seja, porque não é igual ao peru da casa dele.

Donde decorre uma espécie de rejeição daquela família: “Que gente esquisita, olhe como eles entendem um peru bem-feito! Que coisa estranha! Peru não é assim, prepara-se de outro jeito...”

Vamos supor que, brincando com terra, a criança suje a mão e tenha de lavá-la. Junto ao lavatório está um sabonete inteiramente diferente do utilizado na casa dela. Pode até ser um sabonete muito superior, por exemplo, o inglês marca Pears, em forma de uma bola preta. Entretanto, o menino está habituado a um sabonete brasileiro cor-de-rosa ou azul clarinho, e pensa: “Puxa, vou lavar as mãos com esta bola preta! Que gente esquisita! O peru e o sabonete deles são diferentes... Durante o almoço, esteve um primo deles tido como engraçado, que contou piadas das quais eu não achei graça. Deus me livre de voltar para a casa dessa família!”

Troca de impressões entre iguais

A criança volta para sua casa, e a mãe pergunta:

— Como foi em casa de Fulano?

O menino olha para a mãe e percebe instintivamente que ela não vai dar a menor importância aos traços dife-



Reprodução

Cada família constitui um pequeno mundo distinto, com características que provêm de uma raiz psicológica comum e que formam um todo próprio

“Brincando de escola”, por Harry Brooker

renciais que ele notou; então, não lhe conta suas impressões e responde de um modo muito vago:

— Foi muito bem...

Como quem dissesse: “Não me pergunte por que não quero contar”.

A criança vai formando um depósito de impressões próprias que ela só transmitirá às pessoas de sua idade. Quando os irmãos estiverem sozinhos entre si, ela diz:

— Vocês não imaginam como é a casa daquele! É assim, tem tal coisa...

— Mas isso não tem nada – responde de um irmão mais velho.

Os irmãos mais velhos dão o parecer que se aproxima um pouco da opinião dos pais; portanto, têm mais abertura. Os irmãos mais moços, pelo contrário, são “fundamentalistas” e um destes afirma:

— Que horror! Quando houver aniversário lá, eu não vou. Deus me livre de me meter naquilo!

Passam-se os meses e comemora-se mais um aniversário na residência da família “b”. A mãe da família “a” diz a seus filhos:

— Hoje vocês irão todos para lá.

Resposta de um dos mais novos:

— Mamãe, eu não posso, porque tenho de preparar as lições.

— Prepare à noite, quando voltar para casa.

O outro diz:

— Não posso, porque estou indisposto.

— Diga-me o que você sente, pois lhe dou um remédio e desaparece a indisposição.

E só a muito custo a senhora consegue convencer os filhos a irem à residência daquela família.

Mas, de repente, a mãe muda de opinião e todos vão para a casa de um parente deles que ainda não conheciam, a qual lhes parece estar em um estágio intermediário entre a casa com o peru esquisito e a residência deles.

Semelhanças e dessemelhanças

Chega também certa hora na vida em que a criança entra em crise com a própria família e começa a julgá-la sem graça, tem vergonha dos pais, acha que a família do outro é prodigiosa, e às vezes estabelece amizades fulgorantes com alguém da outra família e fica quase



como um apóstata da própria família, que se introduziu na casa dos outros.

Essas semelhanças e dessemelhanças provocam atitudes instintivas, nascidas de apetências e inapetências oriundas do íntimo do ser.

Estou descrevendo o fenômeno apenas por alto, porque ele é muito mais profundo; entram em cena muitas outras pessoas, como os professores e até mesmo o padre da paróquia.

Trata-se de um universo todo feito de organicidade, que vai se formando de dessemelhanças que, quando entram em ordem, são dotadas de originalidades próprias, fecundas, interessantes, criativas. Mas também com semelhanças ultraunitivas, ultracriadoras de afinidade, que podem fazer com que um conjunto de famílias provenientes de um clã originário constitua um mundo e seja uma força na sociedade.

A organicidade encontra-se, de baixo para cima, antes de tudo nesses impulsos meio hereditários, meio genéticos, meio étnicos; mas, depois, está nos fenômenos de alma e na luta da graça contra o demônio dentro da pessoa. Aí se forma um quadro complexíssimo e riquíssimo.

Ora, o mundo de relações baseadas nesses dados constitui o tecido social.

Analogado primário de todas as outras relações

Que relação tem isso com o resto não familiar da sociedade?

Quando um indivíduo vive intensamente a vida de família, comprehende de um modo profundo e instintivo que, ou ele translada para as outras relações o caráter da vida de família, ou todas as outras relações serão falsas.

Tende-se, então, a estender a vida de família a todos os outros sentimentos benévolos que se pode ter em

relação às pessoas. Quando se é amigo, tende-se a transformá-lo num parente, pelo lado favorito, afetivo. Quando se é colega – por exemplo, dois médicos que trabalham juntos por terem espe-



Arquivo Revista

Quando um indivíduo vive intensamente a vida de família, comprehende que deve transladar para as outras relações o caráter da vida familiar

Dr. Plinio em 1986

cialidades complementares –, tende-se a transformar essa colaboração numa amizade, e esta num relacionamento fraternal. Quando se tem um mestre, fica-se propenso a tratá-lo como a um pai; e quando se é mestre, tende-se a transformar o discípulo em filho também. A relação familiar torna-se uma espécie de analogado primário de todas as outras relações.

Isso coloca a amizade em situação de muita importância na vida das pessoas, porque ter autênticos amigos é ter amigos de vida e de morte, o que só é possível quando existe, de fato, verdadeiro afeto. E não possui essa afeição quem não tem originariamente na família uma fonte de afeto muito grande.

Alguns exemplos

Daí vem o fato de certas associações outrora se denominarem *fraternidades*, e na linguagem interna seus membros chamarem uns aos outros de irmãos. Por exemplo, Irmandade do Santíssimo Sacramento. É uma tradição da penetração do ambiente de família em todos os outros âmbitos.

onde decorre que as associações profissionais assim organizadas não têm a frieza do sindicato, constituído mais em função de interesses do que da amizade. O pobre miserável que vive apenas atrás do seu interesse financeiro não comprehende que ele perdeu um dos maiores interesses da vida: o afeto.

O antigo direito saxônico da Alemanha, no tempo em que os alemães eram bárbaros, estabelecia como lei a obrigação de cada saxão ter em relação a outro de sua raça determinadas disposições interiores. O que é algo impossível de se impor como lei, pois não se pode obrigar alguém a uma disposição interior. Mas vê-se que eles observavam uns nos outros se o procedimento exterior correspondia ao cumprimento dessa prescrição. E quando não correspondia, vinha o castigo.

Então, a primeira de todas as leis era: amor ao próximo, demonstrado pela lealdade. Quando houvesse qualquer forma de deslealdade, punia-se de determinada maneira prescrita na lei.

Naturalmente há um tanto de barbarie e de sabedoria associadas nisso, mas corresponde ao fundo religioso da ideia que tenho do tecido social.

O elemento vivificante do tecido social

O tecido social se alimenta ou se constitui de determinada rede de rela-



ções individuais nas quais o elemento vivificante, como o sangue para o organismo, é a observância dos Dez Mandamentos e da doutrina católica. Isso gera o tecido social perfeito.

No que diz respeito à lealdade, por exemplo, ainda no tempo do meu avô havia no Brasil casos em que não se concebia dois homens fazerem negócios entre si por escrito, porque provava que um não confiava no outro.

Um homem, digamos, comprava a prazo uma fazenda. O proprietário recebia uma parcela do pagamento, mas ficava obrigado a tratar da fazenda enquanto ainda estivesse nas mãos dele. Como eram feitas as tratativas? Cada um arrancava um fio da própria barba e dava para o outro. Mais nada.

Como a barba era um símbolo de respeitabilidade, chegar para um homem e dizer “Olhe, aqui está o fio de sua barba como prova!”, significava criar uma situação na qual ele não seria tão felão que, diante da própria barba, não tivesse pudor. E a barba servia, assim, de garantia.

Suponho que os antigos Bispos de São Paulo compravam e vendiam sem dar documento, porque Dom Duarte Leopoldo e Silva, o mais antigo Arcebispo que eu conheci, tinha o seguinte hábito. A curia de São Paulo possuía muitos imóveis e ora comprava, ora vendia algum. Por exigência dos bancos, Dom Duarte precisava assinar documentos, mas fazia-o colocando apenas uma cruzinha e um “D.” sobre a estampilha. Ele dizia que era contra a honra do Arcebispo colocar o nome inteiro. E ainda escrevia isso porque os bancos tinham exigido, mas antes ele não escrevia nada, bastava sua palavra de Arcebispo.

Tomem almas persuadidas da sabedoria e da santidade dos Mandamentos, e que se modelaram inteiramente assim, se conhecem e se entrelaçam bem: elas formam um tecido social perfeito. Como ponto de partida está a família,

mas a verdadeira vida é a vida sobrenatural da graça.

Pode haver sociedade orgânica de maus e entre pagãos?

Surge a pergunta: seria possível uma sociedade orgânica de maus?

Durante algum tempo sim, mas seria efêmera. Quer dizer, quando existe a tradição de, sentindo da mesma maneira, criar a amizade, os primeiros bandidos que aparecem se tornam amigos também pelo mesmo processo. E embora inimigos daqueles que eles querem prejudicar, porque almejam pegar-lhes o dinheiro, eles têm hábitos de boa conduta em outros pontos. São restos do tecido social ainda não totalmente podre.

Levanta-se, agora, outra questão: seria possível uma sociedade orgânica entre pagãos?

É preciso distinguir. Uma sociedade autêntica e duravelmente orgânica, eu duvido. Uma sociedade mais ou menos orgânica, talvez chegassem a constituir. O regime feudal de certos povos orientais, por exemplo, era

feroz, ao contrário do feudalismo católico, mas podia ter o esqueleto de uma sociedade feudal.

O que me parece fundamental na questão é reconhecer que isso duraria pouco, porque acabaria dando no assalto de um contra o outro.

Alguém poderia objetar: “Mas, Dr. Plínio, o senhor parece sustentar a tese de alguns hereges que afirmam não ser o homem capaz senão de fazer o mal. Ora, existem determinadas virtudes naturais que o homem pode praticar sem o auxílio da graça, e o senhor parece negar isso dizendo que fora da Igreja não existe nenhum bem”.

Estamos falando de realidades diferentes. Pode haver um homem excepcional que, sem ter ciência desse tema, pratique certo bem. Contudo, praticar o bem integral sem conhecer a doutrina católica e sem a graça de Deus, não é possível. ♦

Extraído, com adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XVIII.
N.209 (ago., 2015), p.18-23



Tomem almas persuadidas da sabedoria e da santidade dos Mandamentos, e que se modelaram inteiramente assim, se conhecem e se entrelaçam bem: elas formam um tecido social perfeito

“Prece antes da colheita”, por Félix de Vigne - Museu de Belas Artes, Gante (Bélgica)

Reprodução



A fidelidade conjugal levada ao extremo

“Nem a morte os separou”, poderia ser o epitáfio de um casal cuja história, muitas vezes condicionada pelos acontecimentos, é portadora de uma profunda lição de fidelidade em meio às maiores dificuldades.

✉ Ir. Luciana Niday Kawahira



Vinte e oito de junho de 1900. Com pulso decidido, o Arquiduque Francisco Ferdinando – herdeiro presuntivo ao trono do Império Austro-Húngaro – aceitava o destino assinalado para sua futura esposa, a Condessa Sofia Chotek, e os filhos que Deus lhes desse, assinando os termos de uma renúncia que os privava dos direitos sucessórios e da pertença à família imperial.

A escolha não fora apenas dele. Desejosos de contraírem matrimônio e impedidos pelo rígido estatuto dos Habsburgos, que só permitia candidatos de casas reais, Francisco Ferdinando e Sofia decidiram enfrentar todas as dificuldades, convictos de ter sido a Providência quem os unira.

Exatamente quatorze anos mais tarde, estando de viagem nessa mesma data, o casal se ajoelhou numa capela improvisada para dar graças a Deus pelos anos que haviam passado juntos. Assim afirmara Sofia pouco tempo antes: “Gostaria de reviver cada dia decorrido desde então”.¹ E semelhantes foram as palavras de seu esposo: “Há na vida coisas que faríamos de maneira diferente, caso nos fosse possível refazê-las. Mas, se eu tivesse de me casar de novo, faria o que fiz, sem mudar nada”.

Mal eles sabiam que este seria o último aniversário da renúncia que lhes permitira contrair núpcias, como também o último dia de suas vidas...

Uma boda indesejada

O casamento costuma ser uma data de alegre celebração, máxime quando

acompanhado pela pompa da nobreza. Contudo, o matrimônio do herdeiro ao trono, Francisco Ferdinando, não foi celebrado em Viena com convidados ilustres, carruagens desfilando por ruas enfeitadas e numerosas multidões aclamando. Não houve recepções, bailes nem banquetes em honra aos recém-casados. Nada.

A razão é que essa união não era desejada pelo Imperador Francisco José, e só foi autorizada com a condição de que o arquiduque renunciasse ao direito de seus filhos herdarem o trono e que seu casamento se tornasse morganático. Quer dizer, sua futura esposa nunca seria imperatriz; relegada a uma posição inferior à das arquiduquesas, jamais estaria ao lado dele em eventos públicos, teatros ou homenagens, seria a última à mesa nos banquetes imperiais e atos solenes, enquanto seu esposo figuraria logo após o imperador nas recepções, ela entraria por último e sua presença nunca seria mencionada em qualquer lista de convidados.

O que motivava tal severidade em relação a Sofia Chotek? É difícil responder. Embora de condição inferior ao arquiduque, ela tinha uma vida moral impecável e descendia de trinta e duas gerações ininterruptas de an-



Francisco Ferdinando e Sofia enfrentaram todos os obstáculos ao seu matrimônio, certos de ser esse um desígnio da Providência

Arquiduque Francisco Ferdinando
e Sofia Chotek

cestrais aristocráticos, alguns outrora príncipes de pequenas casas, além de possuir vários parentes nobres que exerciam funções na corte, onde nunca transgredira nenhuma norma... O próprio Papa Leão XIII e alguns soberanos europeus haviam intercedido em favor do matrimônio.

Apesar disso, o Príncipe Alfredo Montenuovo, camareiro-mor do imperador, sem nunca se dar a oportunidade de conhecer realmente quem era a condessa, não poupou esforços, calúnias, intimidações, subornos e chantagens a fim de evitar a união. Sem escrúpulos, argumentava que Sofia era uma mulher grosseira, interesseira e desejosa de arruinar o prestígio do trono, tentando manchar, assim, sua honra...

Nobreza temperada no sofrimento

Mas quem era, de fato, a Condessa Sofia Chotek?

Filha do Conde Bohuslav Chotek, diplomata, e de Guilhermina Kinsky, descendia verdadeiramente da aristocracia boêmia; porém, sua família não contava com grande fortuna e a menina cresceu com poucas regalias e muito trabalho, o que deu à sua nobreza um colorido que poucas damas da corte ostentavam. “Mais elegante e imponente que bela, Sofia era graciosa, serena e digna. Culta, adquirira não só os conhecimentos usuais em História, Literatura, Matemática, Religião e Ciência, como uma aguda percepção dos negócios políticos graças a seu pai. Falava fluentemente o alemão, o inglês e o francês. [...] Dançava com elegância, pintava, cavalgava e jogava tênis muito bem. Perspicaz e simpática, desprevenida e ‘extremamente afável’, era ao mesmo tempo desinibida e recatada”.²

Sem muitas esperanças de mudança no padrão de vida que levava, Sofia seguiu o caminho das jovens aristocratas de pouca fortuna: ingressou como dama de companhia na casa de uma grande senhora, a Arquiduquesa Isabel de Croÿ. Contudo, ao se tornar pública a intenção de Francisco Fer-

dinando de desposá-la, foi expulsa de modo humilhante do serviço, indo refugiar-se na casa de sua irmã.

As injustiças cometidas contra Sofia e a postura virtuosa com a qual as suportou confirmaram o arquiduque em sua decisão. Segundo suas palavras, ele não desejava uma mulher muito nova, porque já era velho para educá-la, mas uma “esposa amável, inteligente, bonita e bondosa [...]”, com maturidade tanto de caráter quanto de ideias”. Sendo, ademais, uma pessoa muito religiosa, Sofia tinha todas as qualidades de que ele precisava, apesar de sua simples condição de condessa.

Mas, lamentavelmente, a nobreza de alma em profusão não pareceu suficiente para permitir uma exceção que, afinal, cabia como última palavra ao imperador. E os exemplos em sentido contrário não eram raros. O próprio Francisco José havia contrariado a vontade da mãe para desposar sua prima Elizabeth da Baviera – a célebre Sissi, considerada a mulher mais bela do tempo –, uma jovem em extremo egocêntrica e de temperamento instável. Seu casamento, assaz infeliz, resultou numa imperatriz fugidia e num esposo publicamente infiel, enquanto Rodolfo, seu filho, foi um jovem dissoluto que terminou seus dias num misterioso suicídio em companhias pouco recomendáveis.

No caso de Sofia, o que ninguém admirava era talvez o que mais atraía Francisco Ferdinando, o qual, apesar de não ter levado uma vida moral retilínea antes de conhecê-la, deixou-se influenciar pela pureza de sua alma e, descobrindo nela a mulher virtuosa das Escrituras, comprovou que o seu valor era “superior ao das pérolas” (Pr 31, 10). O arquiduque procedeu então como aconselha Nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho (cf. Mt 13, 45-46), preferindo-a em lugar de todas as glórias de que poderia gozar na vida da corte.

No casamento, uma feliz influência

Francisco Ferdinando e Sofia uniram-se diante de Deus no dia 1º de



Reprodução

O Arquiduque descobriu em Sofia a mulher virtuosa das Escrituras, comprovando que o seu valor era “superior ao das pérolas”

Retrato da duquesa
em aproximadamente 1890

julho de 1900. O sofrimento constante tornou-se o maior motivo de união para o casal. Ao reduzir Sofia à condição de esposa morganática, Francisco Ferdinando era consciente da humilhação permanente que isso lhe acarretaria. Ela, entretanto, deu provas de heroísmo ao enfrentar tudo com serenidade incomum, amenizando seu desgosto com preclaras virtudes e, assim, angariando simpatias em todas as instâncias sociais.

Nunca deu sinais de amargura, nem revelou por palavras ácidas qualquer frustração. “Houve, sem dúvida, épocas em que as pressões eram enormes; mesmo assim, no entanto, Sofia continuava serena, contida, autocontrolada e recorrendo sempre à fé religiosa”.³ O matrimônio era para ambos como um castelo de virtudes construído sobre uma rocha firme, e as piores tormentas não conseguiram derrubá-lo. Se Sofia teve que renunciar a ser imperatriz, Francisco Ferdinando renunciou, sem aviltar sua condição, à brilhante vida de corte que antes levava, e nessa imolação diária renovava-se seu compromisso de fidelidade mútua.



Foto: Reprodução

Os pais derramavam sobre os filhos torrentes de afeto, fruto da constante fidelidade que os unia; as crianças eram conhecidas como as mais comportadas e educadas de toda a estirpe dos Habsburgo

À esquerda, Francisco Ferdinando com a filha mais velha, Princesa Sofia; à direita, retrato do casal com seus três filhos: da esquerda para a direita, Príncipe Ernst, Princesa Sofia e Príncipe Maximiliano. Ao fundo, vista do castelo de Artstetten, propriedade da família onde o casal foi sepultado - Artstetten-Pöbring (Áustria)

Enquanto os jornais europeus – num tempo em que os valores familiares eram abandonados a passos largos – traziam com frequência notícias sobre novos escândalos morais na aristocracia, o público era compelido a olhar com admiração para aquele casal moralmente irrepreensível. Assim relata um periódico da época a respeito de Sofia: “Desde sua chegada à capital, ela enfrentou uma situação muito difícil e teve de aprender a ignorar desapontamentos e humilhações por um verdadeiro milagre de perseverança, inteligência e tato. Apoiada pelo marido amoroso, a princesa⁴ realiza esse milagre com graça e docura; não há asperezas em suas belas qualidades. Seu encanto e sua inteligência cativam a todos”.

Os elogios do marido revelam também uma profunda satisfação: “Sof é um tesouro e estou indescritivelmente satisfeito! Ela cuida muito bem de mim; sinto-me em boa forma, saudável e bem menos nervoso”. Ele ainda confidenciou à sua madrasta: “Você não sabe como estou contente com minha família, a ponto de não conseguir agradecer suficientemente a Deus pela sorte que tive. [...] A coisa mais certa que fiz na vida foi desposar minha Sofia. Ela é tudo: esposa, conselheira,

médica, amiga – numa palavra, toda a minha felicidade. [...] Amamo-nos como no primeiro dia do casamento e nada perturbou nossa alegria por um instante sequer”.

A última viagem

Nomeado inspetor-geral das forças armadas do império em agosto de 1913, Francisco Ferdinando viu-se obrigado a fazer uma viagem à Bósnia. Ainda hoje se discute a razão do convite assaz suspeito do governador-geral Oskar Potiorek. Num ambiente de grande tensão política e militar, ele exigiu com insistência uma visita do arquiduque à capital exatamente no dia em que os sérvios lembravam uma batalha histórica na qual sua nação tinha sido reduzida à servidão. Tratava-se de uma data nada propícia para um herdeiro do trono austríaco passear pela cidade de Sarajevo...

Na véspera, o secretário do arquiduque achou dispensável aquela viagem, com o que Francisco Ferdinando concordou; porém, o governador alegou que o povo ficaria muito ofendido...

Assim, no domingo 28 de junho de 1914 o casal dirigiu-se em visita oficial a Sarajevo, cônscio do gravíssimo risco a que se sujeitava. O dia transcorreu na tensão de um possível atentado, que

se concretizou horas mais tarde quando um nacionalista jogou uma bomba contra o veículo do arquiduque. Contudo, o artefato atingiu apenas o carro dos seus assistentes, ferindo-os com certa gravidade. Francisco Ferdinando insistiu em visitá-los no hospital e aconselharam Sofia a que não o acompanhasse, por segurança. Contudo, ela se recusou: “Enquanto o arquiduque se expuser em público hoje, eu não o abandonarei”.

Teria ela pressentido que sua presença junto ao marido era necessária, pois ambos estavam à beira da morte? Quiçá, recordando a promessa feita diante de Deus, Sofia compreendeu que sua fidelidade deveria consumar-se no holocausto... Pouco depois, saíram juntos pela última vez.

Desta feita, um dos conspiradores do assassinato encontrou-se de improviso a dois metros de distância do carro do arquiduque, enquanto este fazia uma manobra para evitar os perigos da rua principal. A nobre figura de Sofia fez-o hesitar por um momento, mas ele logo atirou a queima-roupa, atingindo marido e mulher.

Vendo o sangue escorrer pelo uniforme do esposo, Sofia teve a preocupação de perguntar-lhe o que acontecera, antes de cair ela mesma fulmina-

da por um tiro. Enquanto os acompanhantes pensavam que tivesse apenas desmaiado, o arquiduque percebeu que a vida de sua querida esposa estava definhando e apelou: “Não morra! Viva para nossos filhos!”

Em poucos minutos, porém, ele mesmo a acompanharia para a eternidade.

O fruto da fidelidade: uma bela família

Os filhos do casal – Sofia, de treze anos, Maximiliano, de onze, e Ernst, de dez – ficariam completamente órfãos naquele dia. O comentário da pequena Sofia após receber a fatídica notícia nos revela o início de um sofrimento espetacular: “A angústia foi indescritível, bem como a sensação de desnorteamento total. A vida inteira, só conhecíamos amor e segurança absoluta”.

Os pais derramavam sobre os filhos torrentes de afeto, fruto da constante fidelidade que os unia. “Seu lar parecia aqueles que encontramos nos livros, mas não vemos nunca na vida real”, comentaria uma sobrinha. Os aposentos das crianças eram próximos aos dos pais, faziam sempre as refeições com eles, no final da tarde passeavam, tocavam piano ou brincavam apresentando peças de teatro. Formadas nesta atmosfera verdadeiramente familiar, eram conhecidas como as crianças mais comportadas e educadas de toda a estirpe dos Habsburgo.

“Quando encerro meu longo trabalho diário e volto para a família”, externou o arquiduque em certa ocasião, “ao ver minha esposa bordando e meus filhos brincando, deixo as preocupações na soleira e mal posso acreditar na felicidade que me cerca”. “As crianças”, admitia ele, “são o meu enlevo e o meu orgulho. Sento-me ao lado delas durante horas e admiro-as, pois as amo muito”.

Sabendo que a esposa não poderia ser sepultada na cripta dos Habsburgo, Francisco Ferdinando tinha disposto seu testamento de modo a serem enterrados juntos num jazigo construído

apenas para sua família, e foi só neste local que as crianças puderam despedir-se dos pais, pois tinham sido excluídas das cerimônias fúnebres devido à sua condição morganática.

Ao sair, a pequena Sofia comentou docilmente: “Deus quis que papai e mamãe se reunissem a Ele ao mesmo tempo. Foi melhor terem morrido juntos porque papai não conseguiria viver sem mamãe e mamãe não sobreviveria sem papai”.

Assim como tinham-se unido para a vida, Deus quis uni-los também na hora da morte.

Uma lição para o futuro

A morte deste casal é considerada o estopim da Primeira Guerra Mundial, e os historiadores dão várias razões políticas para isso. De outra parte, quantas análises posteriores insuspeitas atestam o desastre geopolítico que significou a desaparição do cenário internacional da monarquia dual, cujo cetro teria recaído nas mãos do arquiduque!... Contudo, se quisermos olhar a História não como um aglomerado de fatos desconexos, mas como a realização dos planos da Providência, poderíamos analisar tal acontecimento

por outro prisma, talvez acidental mas muito importante.

Quiçá, vendo os ultrajes que sofriam o futuro imperador e sua esposa, cujo matrimônio deveria ter servido de exemplo para a sociedade, Deus tenha permitido que seu assassinato fosse o marco inicial de uma *débâcle* irreversível. Com efeito, o que resta hoje daquela fidelidade conjugal que tanto os distinguiu? Que outras desventuras sobrevieram na História – ou ainda podem vir a suceder – quando a humanaidade se desviou dos Mandamentos de Deus ou esqueceu suas promessas de fidelidade ao Senhor? Só mesmo o tempo, ou talvez os acontecimentos, no-lo venham a esclarecer... ♦

¹ Os dados históricos consignados neste artigo, assim como os trechos de diálogos ou cartas transcritos entre aspas, foram tomados de: KING, Greg; WOOLMANS, Sue. *O assassinato do arquiduque*. São Paulo: Cultrix, 2014.

² Idem, p.80.

³ Idem, p.151.

⁴ Sofia recebeu do Imperador Francisco José o título de princesa de Hohenberg no dia de seu casamento e, em 4 de outubro de 1909, o mais elevado de duquesa de Hohenberg.



**Assim como tinham-se unido para a vida,
Deus quis uni-los também na hora da morte**

À esquerda, Francisco Ferdinando e Sofia em Sarajevo (Bósnia), pouco antes do atentado que lhes tiraria a vida, em 28 de junho de 1914; à direita, notícia publicada no jornal italiano “Domenica del Corriere” retratando o momento do assassinato

Fotos: Reprodução



Santidade não conhece idade

O mesmo Deus que criou dois irmãos, pediu deles o martírio ainda em tenra idade. Até os pequenos o Senhor quer que sejam santos!

⟳ Vinícius Niero Lima



Findava mais uma tarde numa das inúmeras cidades romanas dos primórdios do século IV. Enquanto os pagãos, sempre mais decadentes, sorviam os últimos prazeres de suas concupiscências desregradas, os cristãos preparavam-se para lançar-se às escondidas nas ruelas desertas a fim de recolher as relíquias dos heróis da Fé que, após épicas lutas, tinham transposto os umbrais da morte.

Aquele dia presenciara uma cena memorável. O governador local não podia imaginar que passaria por tamanha humilhação... Dois meninos corajosos, irmãos pelo sangue, mas sobretudo pela

fé, haviam desafiado um procônsul do império mais poderoso do mundo!

A Roma que abateu nações, subjugou reis, estendeu seu poderio a terras longínquas... como podia ser importante diante de uma “seita”? Nove grandes perseguições não tinham sido suficientes para jugular alguns homens e mulheres que corriam para oferecer suas vidas com maior alegria do que os imperadores se dirigiam às suas bacanais!

E eis que as forças do mal esboçam uma última tentativa. A perseguição ao Cristianismo se torna mais renhida, cruel e fúribunda. Basta uma denúncia, uma calúnia ou uma simples suspeita para que os governadores decretem a



morte de pessoas cujo crime consiste em ser honestas e realizar um culto estranho à religião do império.

Nesta cruel investida, Roma não pouparia sequer as crianças!

A mais feroz das perseguições

O ano 304 assistiu a uma grande mudança no panorama mundial. Havia décadas a Igreja não era perseguida pelos imperadores romanos, o número dos eleitos se multiplicara e, em alguns lugares, até já haviam sido erguidos alguns templos cristãos. É claro que tal expansão não podia ser tolerada pelos adversários do Cristianismo...

Diocleciano era o imperador reinante. Em face da ameaça dos bárbaros que se aproximavam das fronteiras, ele compreendeu que sozinho não poderia acudir a todos os pontos onde seus inimigos, externos e internos, apresentassem batalha. Resolveu, então, partilhar o governo com homens de sua confiança, e em 286 nomeou certo militar de nome Maximiano como coimperador, dividindo seus domínios em dois: este ficava com o Ocidente, e ele com o Oriente. Anos mais tarde, em 293, o novo sistema político sofreu outro acréscimo: foram nomeados dois novos imperadores, Galélio



Imperador Galélio Maximiano;
no alto da página, Justo e Pastor -
Catedral a eles dedicada em
Alcalá de Henares (Espanha)

Galerio, em seu ódio diabólico, não poupou esforços para obter decretos de condenação e extermínio contra os cristãos, desencadeando uma cruel perseguição

e Constâncio Cloro, que, sob o título de *césares*, estariam subordinados aos imperadores *augustos*. Nascia assim a tetrarquia romana.

Ora, Galério odiava os cristãos. Em um diabólico intento, obteve de Diocleciano – que até aquele momento nada fizera contra os cristãos pois, ao que tudo indica, não se opunha à sua existência e liberdade – decretos sobre decretos de condenação; nunca, todavia, com a radicalidade e crueldade por ele desejadas. Por fim, no ano 304 o augusto publicou um último edito, que desencadeou a perseguição mais sangrenta, mais terrível, mais cruel até então vista.

Em todas as partes do império – apesar de no Ocidente a intensidade ter sido menor – relataram-se martírios impressionantes. Basta citar os exemplos dos Santos Sebastião, Vicente, Gervásio, Protásio, Inês, Luzia, entre outros, bem como o de cidades inteiras de cristãos chacinhados.

Especialmente dignos de nota foram os martírios que regaram com o sangue dos seguidores de Cristo o solo da Espanha. Apesar de a Ibéria estar sob o domínio de Maximiano, o procônsul Daciano, o qual passou para a História como um tirano dos mais sinistros e cruéis, assumiu o encargo de acatar também ali as ordens do augusto do Oriente. Durante essa

perseguição, a Igreja espanhola viu-se adornada por um incontável número de mártires.

Duas crianças fazem tremer o tirano

A cidade de Complutum, atual Alcalá de Henares, é testemunha da impressionante história de dois irmãos, Justo e Pastor, de sete e nove anos respectivamente. Frequentavam eles a escola, aprendendo ainda as primeiras lições, quando ouviram rumores de que Daciano se aproximava.

Longe de se deixarem tomar pelo medo, eles “ardiam de desejos de morrer pelo Senhor”.¹ Então, sem temer as atrocidades que lhes podiam sobrevir numa circunstância como aquela, deixaram seus pertences na escola, dirigiram-se à residência do governador e voluntariamente se apresentaram como cristãos.

Não tardou a que fossem conduzidos ante o procônsul, o qual, em vez de se sentir comovido, enfureceu-se ao ver que até as crianças se atreviam a enfrentá-lo. Persuadido de que uma boa correção bastaria para fenececer o entusiasmo dos meninos, mandou que os açoitassem cruelmente. Os verdugos executaram a sentença da forma mais bárbara.²

Contudo, ao serem trazidos de novo à presença do juiz, os dois irmãos con-

tinuavam a proclamar a sua fé com galhardia. Estavam realmente dispostos a morrer por Cristo. Surpreso e inseguro, Daciano determinou a prisão de Justo e Pastor durante aquela noite.

Na manhã seguinte, o tirano modificou suas táticas de persuasão, oferecendo aos meninos regalias de toda espécie. Contudo, como afirma São Tomás de Aquino, “a verdade é forte em si mesma, e resiste a toda impugnação”;³ quem está persuadido dela não teme diante das perseguições nem vacila diante das honrarias. Assim, as duas crianças recusaram com firmeza os presentes do procônsul.

Os assistentes estavam assombrados ante o valor com que eles se exortavam a permanecer fiéis a Cristo.

*Em todas as partes
do Império Romano
relataram-se martírios
impressionantes.
Homens, mulheres e
crianças deram sua
vida pela fé em Cristo*

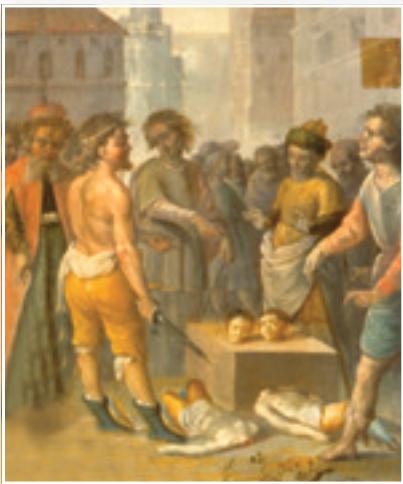


“Martírio de São Vicente”, por Miguel Alcanyis - Museu Hyacinthe Rigaud, Perpignan (França);
“Martírio de São Cosme e São Damião”, por Mestre de Rubió - Museu Episcopal de Vic (Espanha);
“Martírio de Santa Luzia” - Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona (Espanha)

Fotos: Francisco Leiros



Fotos: Francisco Lecaros



Martírio de Justo e Pastor, por José Juárez - Museu Nacional de Arte, Cidade do México

Daciano não podia tolerar mais. Para dissimular sua vergonhosa derrota, mandou que os mártires fossem decapitados imediatamente, mas fora da cidade, pois tinha medo de que o povo descobrisse o nefando crime e se revoltasse. Os heroicos irmãos caminharam

Justo e Pastor corresponderam à graça do martírio, porque antes admiraram o exemplo dos que lhes serviam de modelo: seus pais e mestres

com alegria para o suplício, deixando o governador inseguro, temeroso, aniquilado!

Narra-nos Santo Ildefonso o belo diálogo de mútuo encorajamento dos meninos a caminho da execução: “Justo, o menor, temeroso de que seu irmão desfalecesse, falou-lhe assim: ‘Não tenhas medo, irmãozinho, da morte do corpo e dos tormentos; recebe tranquilo o golpe da espada. Aquele Deus que Se dignou chamar-nos a uma graça tão grande, nos dará forças proporcionadas às dores que nos esperam’. E Pastor lhe respondia: ‘Dizes bem, meu irmão. Com gosto te farei companhia no martírio para alcançar contigo a glória deste combate’”⁴.

Assim, ambos foram degolados na noite do dia 6 de agosto do ano 304.

Buscar a santificação em qualquer idade

Diante da narração de um martírio tão impressionante, uma questão ainda se nos apresenta. Se Justo e Pastor não passavam de duas crianças, tinham consciência do que faziam? Não eram

pueris demais para medirem as consequências de seus atos? Deus realmente queria que eles se apresentassem ao governador e morressem tão jovens?

É muito difícil entrar no mérito da questão. Mas não há dúvida de que a aceitação voluntária da morte provém de uma graça dada por Deus, e os dois irmãos, bem como todos os que morreram pelo nome de Cristo em terra idade,⁵ não estariam inscritos no rol dos Santos se não fossem autênticos mártires.

Com efeito, todos os homens são convocados a trilhar as vias da perfeição cristã, e até mesmo aos pequenos Deus pede a santidade.

É inegável que essas crianças corresponderam à graça do martírio; mas elas jamais teriam forças para praticar um tão grande ato de heroísmo se antes não houvessem admirado e haurido o exemplo de pessoas mais velhas que lhes serviram de modelo: seus pais, parentes e mestres. Afirmava Santa Teresinha que “da mesma forma que os filhotes de passarinhos aprendem a cantar ouvindo seus pais, assim também as crianças aprendem a ciência das virtudes, o sublime canto do amor divino, no trato com as almas encarregadas de formá-las para a vida”⁶.

Quão importante é auxiliar as crianças a caminharem pelas sendas da virtude desde a mais tenra idade, conduzi-las a Jesus, que as chama a Si (cf. Mt 19, 14)! Por outro lado, quão impiedoso é quem lhes proíbe o acesso aos ensinamentos do Divino Mestre; melhor seria que o atassem a uma pedra de moinho e o lançassem no fundo do mar (cf. Mt 18, 6). ♦

¹ DEL MARTIRIO DE LOS SANTOS JUSTO Y PASTOR. In: COMISIÓN EPISCOPAL ESPAÑOLA DE LITURGIA. *Textos litúrgicos propios de la Archidiócesis de Madrid*. Barcelona: Coeditores Litúrgicos, 2007, p.66.

² Cf. BUTLER, Alban. *Vidas de los Santos*. Ciudad de Méxi-

co: C. I.-John W. Clute, 1965, v.III, p.275.

³ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. L.IV, c.10.

⁴ ÁBALOS, Juan Manuel. Santos Justo y Pastor. In: ECHEVERRÍA, Lamberto de; LLORCA, SJ, Bernardino;

REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2005, v.VIII p.144.

⁵ Para citar exemplos apenas da mesma perseguição: São Pancrácio sofreu o martírio aos quatorze anos, Santa Inês aos doze e São Barulas aos sete (cf. CANTÚ, Césare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954, v.VII, p.147;153-154).

⁶ SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS. *História de uma alma. Manuscritos autobiográficos*. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 1988, p.125.



Filhos: opção ou missão?

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§ 1652 Pela sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados à procriação e à educação dos filhos, que constituem o ponto alto da sua missão e a sua coroa.

“**L**evara os olhos para o céu e conta as estrelas, se és capaz... Pois bem – ajuntou Ele – assim será a tua descendência” (Gn 15, 5). Com essas palavras cheias de encanto e mistério, Deus prometia ao patriarca Abraão uma numerosa progénie. Esse penhor da bênção divina, a prole, constitui justamente “o fim primordial do matrimônio”¹ e – hélas – um bem tantas vezes negligenciado em nossos dias. Quão elevada seja tal finalidade nos indicam os documentos do Magistério Pontifício, alguns dos quais consideraremos a seguir.

Conforme indica o Papa João Paulo II, a razão última de a mentalidade contemporânea com frequência se fechar à “riqueza espiritual de uma nova vida humana” encontra-se na “ausência de Deus no coração dos homens”.² Com efeito, já advertia o Papa Paulo VI³ que só à luz da vocação sobrenatural e eterna do ser humano pode-se retamente considerar as questões que digam respeito à vida.

Nesse sentido, Pio XI⁴ recorda duas verdades que ressaltam a importância da missão confiada pelo Criador aos pais, de com Ele cooperar na propagação do gênero humano (cf. Gn 1, 28). A primeira se refere à dignidade e altíssima finalidade do homem, o qual,

em virtude da preeminência da natureza racional, supera toda a criação material e está chamado a participar, pela graça, da vida do próprio Deus. A segunda alude ao fato de os pais cristãos serem destinados não apenas a povoar a terra, mas sobretudo a prover a Igreja de Cristo de novos membros e a procriar cidadãos do Céu, autênticos Santos.

Cabe também lembrar o aspecto moral da questão: “Na missão de transmitir a vida, [os cônjuges] não são, portanto, livres para procederem a seu próprio bel-prazer, como se pudesse determinar, de maneira absolutamente autônoma, as vias honestas a seguir, mas devem, sim, conformar o seu agir com a intenção criadora de Deus, expressa

na própria natureza do matrimônio e dos seus atos e manifestada pelo ensino constante da Igreja”.⁵

Por fim, o Magistério Eclesiástico tem ainda uma palavra de louvor aos esposos “que, de comum acordo e com prudência, aceitam com grandeza de ânimo educar uma prole numerosa”.⁶ O valor de seu testemunho “não consiste apenas em rejeitar sem meios-termos e com a força dos fatos qualquer compromisso intencional entre a Lei de Deus e o egoísmo do homem, mas na prontidão em aceitar com alegria e gratidão os inestimáveis dons de Deus que são os filhos, e no número que Lhe apraz”.⁷ Por isso Pio XII não hesita em afirmar que as famílias numerosas são “as mais abençoadas por Deus, prediletas da Igreja e por ela estimadas como preciosos tesouros”.⁸ ♣



Os pais cristãos devem não apenas povoar a terra, mas gerar membros para a Igreja e cidadãos do Céu

Uma família católica reunida

Maria José Feijó

¹ SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *De bono coniugali*, c.XXIV, n.32.

² SÃO JOÃO PAULO II. *Familiaris consortio*, n.30.

³ Cf. SÃO PAULO VI. *Humanæ vitæ*, n.7.

⁴ Cf. PIO XI. *Casti connubii*, n.6-7.

⁵ SÃO PAULO VI, op. cit., n.10.

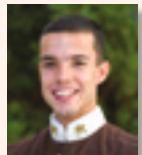
⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*, n.50.

⁷ PIO XII. *Discurso*, 20/1/1958.

⁸ Idem, ibidem.

Por seu fruto os conhecereis

Joaquim e Ana, casal bem-aventurado, toda a criação vos é devedora: por vós nasceu-nos a Rainha do Universo, Maria Santíssima, a Mãe de Deus.



✉ Lucas Rezende de Sousa

O Antigo Testamento bem pode ser considerado como uma sublime preparação para a Encarnação do Verbo. Quando colocamos Nosso Senhor Jesus Cristo no centro dos acontecimentos humanos, entendemos realmente a História, pois é assim que Deus a concebe: de modo arquitetônico e hierárquico, tendo o seu próprio Filho Unigênito como pêdra angular.

Era coerente, portanto, que quanto mais se aproximasse o nascimento do Salvador tanto mais abundassem os fatos admiráveis e miraculosos, como explica São João Damasceno: sendo Nosso Senhor o Sol da Justiça (cf. Ml 3, 20),

as vias que Lhe abririam caminho “deveriam ser preparadas pelas maravilhas e, lentamente, as realidades inferiores deviam elevar-se às mais altas”.¹

Partindo de tão sublime perspectiva, comprehende-se com facilidade ser justamente na plenitude dessa esteira luminosa que se desenrole a vida de São Joaquim e Sant'Ana, pais de Nossa Senhora.

Sobre ambos, poucos fatos seguros se conhecem. Estes são deduzidos da tradição, em boa parte de livros apócrifos, dentre os quais se destaca o *Protoevangelho de São Tiago*, escrito no século II d.C.² Os episódios aqui narrados não constituem, portanto,

dogmas de Fé, sequer se trata de dados históricos plenamente comprovados. Eles foram, ademais, enriquecidos com o variegado tesouro das revelações privadas e acrescidos de algumas reconstruções pias. Não devem, porém, ser considerados como lendas desprezíveis, carentes de qualquer fundamentação.

Estirpe real e sacerdotal

Joaquim significa “preparação do Senhor”.³ Assim como Jesus, ele nasceu em Belém e viveu desde a infância em Nazaré, sendo descendente do Rei Davi.

Varão reto e justo, nutria grande admiração por dois sacerdotes exempla-



Fotos: Francisco Lecaros

Sem prole, Joaquim e Ana suportaram vinte anos de inenarráveis humilhações, antes de o Senhor lhes enviar a consolação de uma promessa

“Rejeição do sacrifício de São Joaquim”
e “Abraço na Porta Dourada” -
Museu de Ulm (Alemanha)



res de seu tempo: Eleazar, venerável ancião residente em Belém, e o jovem Simeão, que exercia suas funções em Jerusalém. Quando, pois, havia completado a idade que os costumes da época estabeleciam para contrair matrimônio, Joaquim, cônscio da seriedade de tal passo, não hesitou em aconselhar-se com esses ilustres levitas.

Ambos lhe indicaram como esposa uma virtuosa virgem que se chamava Ana, nome que significa “graça”.⁴ Seu pai era da tribo sacerdotal de Levi e natural de Belém, e sua mãe descendia do Rei Davi. Assim, vemos unir-se em Maria a grandeza régia à sacralidade sacerdotal, o que é de todo arquitônico, “pois Ela daria à luz Jesus Cristo, Rei dos reis e Supremo Sacerdote, ‘santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e elevado além dos Céus’ (Hb 7, 26)”.⁵

Após certo tempo concretizou-se o matrimônio, cuja cerimônia foi oficializada pelo próprio sacerdote Simeão. O casal se estabeleceu em Nazaré, onde Joaquim já habitava. Ele contava vinte e cinco anos e Ana aproximava-se dos vinte. Desde o início, esmeraram-se para que seu casamento se revestisse de total santidade e pureza, causando admiração a todos quantos os conheciam. Com efeito, Deus os abençoava e eles possuíam – devido à herança de São Joaquim – bens em quantidade.⁶ Entretanto, uma terrível provação assaltaria aquele lar.

A provação da infecundidade

Correram os anos e o matrimônio apresentava-se infrutífero em prole. Naqueles idos tempos, isso era frequentemente interpretado como uma tremenda maldição de Deus, pois todos casavam-se para ter filhos, visando alcançar a honra de serem antepassados do Messias. Nessas condições, não demorou para que o santo casal começasse a sofrer as piores injúrias, inclusive da parte de seus mais próxi-



O nascimento da Virgem Maria - Igreja de São Salvador, Planoët (França)

*“A Filha que de ti
nascerá será a aurora
da salvação e a porta
pela qual entrará o
Messias prometido.
Ela será a arca da
vossa vitória”*

mos. Vinte longos anos se passaram em meio a inenarráveis humilhações. Até certo dia em que São Joaquim foi, como de costume, fazer generosas oferendas ao Templo.⁷

Tendo lá chegado, viu-se publicamente rejeitado por um sacerdote chamado Rúben, o qual alegava não agradar ao Senhor a oferenda de um homem sem prole.⁸ Observa Mons. João⁹ que, ante tais palavras, São Joaquim deve ter sentido a confirmação, pelos lábios de um ministro sagrado, de sua perplexidade mais lancinante: “O que

fiz contra Deus para Ele assim me castigar?”

Quando chegou a casa, narrou à sua esposa a humilhação por que passara e, com o consentimento dela, retirou-se por algumas semanas nas montanhas para rezar e jejuar. Ambos enviaram pedidos ao venerável sacerdote Simeão para que, no Templo, fizesse oferendas a Deus, impetrando que lhes concedesse uma prole. Mas a escravidão crescia ao longo dos dias, pois o silêncio do Alto prevalecia. Após certo tempo, retornou São Joaquim de seu retiro de dor.

Entretanto, em meio a tais provações pode-se entrever a mão de Deus. Através da impotência da natureza, Ele preparava o caminho para sua intervenção, como explica São João Damasceno: “A natureza cedeu o passo à graça, ela se deteve, tremendo, e não quis ser a primeira. Como a Virgem Mãe de Deus devia nascer de Ana, a natureza não ousou antecipar o fruto da graça; ela permaneceu sem fruto, até que a graça desse o seu”.¹⁰

São Gabriel e a porta dourada

Um ano depois o Arcanjo São Gabriel apareceu a Ana, anunciando-lhe em termos misteriosos que ela daria à luz uma Menina: “A Filha que de ti nascerá será a aurora da salvação e a porta pela qual entrará o Messias prometido. Ela será a arca da vossa vitória, e atrairá Deus a esta terra”.¹¹ O mesmo Arcanjo, manifestando-se a Joaquim em sonhos, comunicou-lhe a visita celeste que Ana recebera e revelou que lhe nasceria uma Filha, à qual ele deveria dar o nome de Maria.

Ao amanhecer do dia seguinte, ambos conversaram sobre esses fatos sobrenaturais e resolveram ir ao Templo de Jerusalém agradecer ao Senhor. De comum acordo, prometeram consagrar inteiramente a Menina ao serviço de Deus logo que sua idade o permitisse.

Chegando a Jerusalém, entraram pela Porta Dourada, a única de acesso



direto ao Templo desde os campos adjacentes, muito famosa na iconografia cristã dos primeiros séculos por representar Nossa Senhora. Certamente Joaquim e Ana perceberam algo do simbolismo que ali havia: a Filha que lhes nasceria seria a “Porta Dourada por excelência, pela qual o próprio Deus entraria no mundo, inaugurando um novo regime de graças para a humanidade”.¹² Avisado por iluminação angélica a respeito da vinda dos esposos, o sacerdote Simeão também para lá se dirigiu, com o intuito de os acompanhar e abençoar.

O nascimento de Nossa Senhora

Nove meses após tais fatos, a 8 de setembro, nascia a Santíssima Virgem



Francisco Lecaros

Maria na cidade de Nazaré. Fato prodigioso, alcandorado e inefável: quem poderia imaginar como veio ao mundo a Mãe de Deus? Gerada sem que a concupiscência maculasse o ânimo de seus pais, concebida sem pecado original, gestada sem causar incômodos a sua mãe, Maria Santíssima não nasceu apenas sem provocar nenhuma dor em Sant’Ana,¹³ mas ainda toda envolta em luz.

Mons. João reputa que, “ao contrário do que sucederia no natal do Menino Jesus, [...] Nossa Senhora nasceu em pleno meio-dia, quando o sol se encontrava em seu zênite e irradiava sua máxima intensidade de luz no firmamento. Se o nascimento do Redentor Divino se daria à meia-noite como símbolo de que Ele vinha resgatar a humanidade das trevas do pecado, parece arquitetônico que a natividade de Maria tenha ocorrido exatamente no horário inverso, pois Ela estava destinada a trazer à terra o Sol de Justiça (cf. Ml 3, 20), Cristo Senhor nosso”¹⁴

Quando Nossa Senhora completou um ano, seus pais reuniram na sua casa em Nazaré alguns sacerdotes, os principais do Sinédrio e do povo, bem como todos os membros de sua família. A pequena Maria foi apresentada aos sacerdotes de Israel, que invocaram sobre ela as bênçãos do Céu: “Deus de nossos pais, disseram eles,

*Tendo Maria
atingido a idade de
três anos, Joaquim e
Ana se dispuseram a
cumprir a promessa
de entregá-La ao
serviço do Templo*

Sant’Ana com Maria menina -
Catedral de São Luís, Blois (França)

abençoai esta criança, dai-Lhe um nome que seja celebrado de geração em geração”¹⁵

Apresentação de Nossa Senhora

Tendo Maria atingido a idade de três anos, Joaquim e Ana se dispuseram a cumprir a promessa de entregá-La ao serviço de Deus no Templo, e com essa finalidade os três se dirigiram a Jerusalém. Uma vez instalados na Cidade Santa após a penosa viagem, quando o sol já se punha, São Joaquim anunciou a Maria que iriam ao Templo no dia seguinte, notícia que A encheu de alegria.

Chegando ao Templo, o casal entrou com a Menina numa das salas, onde estava Simeão. Após recitar uma bela oração composta no momento, São Joaquim entregou sua Filha ao sacerdote, dizendo: “Filha minha, entrego-A a esse filho de Levi para ser oferecida ao Senhor, a fim de que Você sirva a Ele em todos os dias de sua vida. Seja uma oferta imaculada ao Deus de nosso povo, e que Ele nos visite com a vinda do Messias esperado”¹⁶ Após mútuos agradecimentos, Nossa Senhora foi confiada a uma das mestras das donzelas e seus pais se retiraram.

Últimos convívios nesta terra

Evidentemente, São Joaquim e Sant’Ana iam com frequência ao Templo para estar com a Filha. Em sua última visita, São Joaquim estava bastante enfraquecido, pelo que Maria visou, discreta e maternalmente, prepará-lo para atravessar os umbrais da eternidade. Conta-se que, nesta ocasião, ele viu uma doce auréola resplandecer na frente da Filha e uma legião de Anjos formando guarda ao seu redor. Então algo da vocação de Nossa Senhora lhe foi revelado.¹⁷

Pouco tempo depois, avisada pelo Arcanjo São Gabriel da proximidade do falecimento de São Joaquim, Nossa Senhora dirigiu-Se apressadamente a Nazaré. Ela o assistiu neste momento tão importante, acariciando-o,

A missão de proteger o Tesouro do Altíssimo se prolonga no Céu: ambos estão pressurosos por interceder junto à sua Filha pela Igreja

beijando suas mãos e fronte e falando-lhe das alegrias celestiais.

Por volta de um ano após a morte de São Joaquim, Sant'Ana entrevia próxima a sua partida para a eternidade. Por isso, resolveu ir ao Templo a fim de ter, talvez, a última conversa com sua Filha santíssima. Em certo momento durante a visita, ela se viu misticamente com Nossa Senhora em seu colo e esta, por sua vez, portando o Menino Jesus, como muitos artistas ao longo dos séculos haveriam de A representar. Então ambas se despediram: Maria ajoelhou-Se para receber a bênção de sua mãe, a qual A abraçou ternamente e osculou sua fronte virginal.

E Sant'Ana retornou a Nazaré. Passado algum tempo, sentindo iminente o seu fim, pediu para que avisassem Nossa Senhora. Mas quando Maria chegou a Nazaré, encontrou já inerte o corpo de sua mãe. Acompanhou os ri-



Reprodução

"Nossa Senhora com seus pais", por Bartolo di Fredi - Museu Cívico de Arte Sacra, Montalcino (Itália)

tos fúnebres de modo muito tranquilo e somente ao fechar-se o sepulcro deram alguma lágrimas.

Missão que continua na eternidade

Pouco depois do falecimento de Sant'Ana, dar-se-ia o casamento de Nossa Senhora com São José e a Encarnação do Verbo. Se ela e São Joaquim tivessem vivido mais alguns anos, talvez contemplassem com seus próprios olhos Deus feito Homem. Entretanto, vê-se que isso não lhes estava reservado. Sua missão nesta terra – gerar e proteger o Tesouro do Altíssimo,

Maria – já estava concluída e, por isso, o Senhor os chamou para junto de Si.

Entretanto, de alguma forma essa missão se prolonga no Céu, e de maneira toda especial. É patentíssimo que ambos estão pressurosos por interceder junto à sua Filha por cada um de nós e, sobretudo, pela Santa Igreja.

Se é verdade que pelos frutos se conhece a árvore (cf. Mt 7, 16-20), o que dizer da árvore bendita da qual nasceu a Santíssima Virgem?¹⁸ De nossa parte, cabe nos abrigarmos sempre à sua sombra pois, por intercessão desse santo casal, nossas súplicas a Nossa Senhora nunca deixarão de ser atendidas. ♣

¹ SÃO JOÃO DAMASCENO. *Homélie sur la nativité*, n.2: SC 80, 49.

² Cf. ALASTRUEY, Gregorio. *Tratado de la Virgen Santísima*. 2.ed. Madrid: BAC, 1947, p.16.

³ Idem, ibidem.

⁴ BUTLER, Alban. *Vidas de los Santos*. Ciudad de Méjico: John W. Clute, 1965, v.III, p.192.

⁵ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens*. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.II, p.59; cf. ALASTRUEY, op. cit., p.11-14.

⁶ Cf. PROTOEVANGELHO DE SÃO TIAGO. I, 1. In: SANTOS OTERO, Aurelio de (Ed.). *Los evangelios apócrifos*. Madrid: BAC, 2006, p.130.

⁷ Cf. GÜEL, Dolores. *Santa Ana*. In: ECHEVERRÍA, Lamberto de; LLORCA, SJ, Bernardino;

REPETTO BETES, José Luis (Org.). *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2005, v.VII, p.787.

⁸ Cf. PROTOEVANGELHO DE SÃO TIAGO, op. cit., I, 2, p.131.

⁹ Cf. CLÁ DIAS, op. cit., p.63.

¹⁰ SÃO JOÃO DAMASCENO, op. cit., n.2, 49.

¹¹ CLÁ DIAS, op. cit., p.65.

¹² Idem, p.66.

¹³ Cf. ALASTRUEY, op. cit., p.25; CLÁ DIAS, op. cit., p.77.

¹⁴ CLÁ DIAS, op. cit., p.81.

¹⁵ CADOUDAL, Georges. *Sainte Anne*. In: VIES DES SAINTS. 2.ed. Paris: Garnier Frères, 1854, v.III, p.116; cf. PROTOEVANGELHO DE SÃO TIAGO, op. cit., VI, 2, p.140.

¹⁶ CLÁ DIAS, op. cit., p.132.

¹⁷ Cf. CADOUDAL, op. cit., p.116.

¹⁸ Cf. SÃO JOÃO DAMASCENO, op. cit., n.5, 57.



Correções maternas

Na arte de bem instruir os filhos, a repreensão pelas faltas cometidas ocupa lugar primordial. Com sabedoria única, Dona Lucilia soube unir, num mesmo coração, o afeto aveludado de uma mãe e as punições corretivas de uma perita educadora.

℟ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Na vida comum de qualquer criança existem maus comportamentos e acontecem falhas. Por vezes, quebra-se um vidro, estraga-se um bolo, derrama-se o leite... Todavia, aqueles que têm a obrigação de corrigir devem fazê-lo por amor à ordem e à disciplina, sem dar vazão a reações temperamentais desproporcionadas.

Só existem dois modos de correção: em função do amor a Deus, ou do amor a si próprio; não há um terceiro.

Quando alguém trata mal os demais, não está amando a Deus sobre todas as coisas, como prescreve o Primeiro Mandamento, mas está se baseando em seu amor-próprio. A fórmula mais eficaz para corrigir um filho é através do afeto e do bom trato, de maneira a fazer sentir à criança o universo de bondade existente por detrás da reprimenda. Isso penetra mais a fundo na alma do que dizer com palavras, e depois desmentir com atos...

Sabedoria na educação e nas repreensões maternas

Essa era a escola de Dona Lucilia; o egoísmo dela estava substituído pelo amor aos outros e a Deus, e por isso nunca maltratava ninguém. Pelo contrário, na educação dos filhos mostrava-se paciente e benigna, disposta a ajudar e a perdoar tudo. Para bem avaliarmos a sabedoria dela, basta dizer

ter sido a formadora de Dr. Plinio. Vejamos, pois, seu fundamental papel e como, por sua ação, modelou a alma do filho, preservou sua inocência e foi a fonte de toda a virtude demonstrada mais tarde por ele. Eis as palavras de Dr. Plinio:

“Estando junto a mamãe, eu tinha a impressão de uma forma de suavidade e de ordenação interna que me comunicava uma sensação de tranquilidade razoável. Às vezes eu estava com alguma preocupação ou em um certo estado de espírito que não era bom. [...] Mas, ao comparecer à presença dela e ouvi-la falar, todos os meus tumultos internos pareciam aquietar-se e ajeitar-se; eu ficava menos apegado às coisas que desejava, mais aceitante das renúncias que devia fazer e, portanto, mais razoável.

“Tinha a impressão de que mamãe entrava na minha alma e a colocava em ordem sem eu perceber, ponder-me diante de um estado de espírito tão atraente, tão suave e tão diferente

“Eu prestava atenção em suas repreensões, admirado e encantado com a voz, os olhos, o carinho, a sabedoria e a intransigência dela”

Dona Lucilia no ano de 1912; em destaque, a escova de prata por ela utilizada para corrigir os filhos



daquele em que me encontrava, que ela desmanchava o ‘mau castelo’ que havia na minha alma, e eu me sentia outro. [...] Era uma espécie de punição ‘aveludada’, em que o ‘veludo’ valia mais do que a punição e me deixava encantado... Isso era feito com tanta delicadeza que, depois de ela ter conversado comigo, eu saía transformado, alegre e satisfeito, percebendo que houvera um verdadeiro transbordamento do espírito dela, pelo qual obtivera de mim as modificações que ninguém conseguiria e vencera todos aqueles preconceitos ou inclinações que eu não devia ter”¹.

Equilíbrio e afeto ao corrigir

Às vezes, porém, quando algum dos filhos cometia um erro, Dona Lucilia sentia-se na obrigação de lhes impor uma correção mais severa. Normalmente, segundo referia Dr. Plinio, o modo de “passar um pito” nele era assim: como ela amiúde estava doente, em geral ficava reclinada num sofá, e chamava-o através da *Fräulein*. Quando ele chegava, abraçava-o pela cintura e dizia:

— Meu filho, é verdade que você fez isto, assim e assim?

— Sim, mamãe, é verdade.

— Mas, meu filho, isso não fica bem para um menino da sua idade, que deve ser um grande homem no futuro. Isso ofende a Deus e é falta de educação. Você tem bem consciência que não deveria ter feito isso?

— Sim, mamãe, estou comprendendo melhor.

— Você percebe que fazendo isso entristece sua mãe?

— Percebo.

— Agora você merece apanhar por causa disso. Vá lá e traga a escova de prata que está na penteadeira, que vou lhe aplicar um castigo. Mas saiba que sua mãe vai sofrer mais do que você.

Plinio trazia a escova, e ela dizia:

— Dê-me sua mãozinha aqui.

Ele estendia a mão e Dona Lucilia batia: pá-pá-pá-pá!

Reprodução



“As duas coisas mais preciosas a mim legadas por minha mãe, na ordem moral, foram exatamente a bondade e a severidade sábia”

Dr. Plinio no ano de 1912

Depois disso, ela o mandava pôr a escova no lugar; quando voltava, dava-lhe um beijo e dizia:

— Meu filho, não pense mais nisso, já ficou para trás! Você é tão bonzinho; foi uma fraqueza sua. Você vai me prometer que daqui por diante não vai fazer mais isso?

— Prometo sim, mamãe.

— Então, pronto, vá brincar.

Ela usava a escova com dor no coração, porque gostaria de não bater, mas o fazia sem nenhuma manifestação de sentimentalismo, compreendendo que a Lei de Deus o exige porque a natureza humana é desregrada e, se em certos momentos não for bem posta

“dentro dos trilhos”, ela se desvia loucamente. Era, no fundo, para impedir que no futuro o Coração de Nossa Senhor Jesus Cristo fosse “expulso” da alma do filho por um pecado.

O mais precioso legado

As repreensões de Dona Lucilia haveriam de deixar uma impressão indelével e luzidia na alma de Dr. Plinio:

“As duas coisas mais preciosas a mim legadas por minha mãe, não na ordem religiosa mas na ordem moral, foram exatamente, de um lado, a bondade e, de outro, a severidade sábia. [...] Como eu me lembro dos ‘pitos’ dela! Que seriedade no olhar, e que penetração de se tratar de fazer prevalecer um princípio! Quanta convicção de que, se eu não conformasse minha vida com aqueles princípios, para ela eu valeria muito menos. Ela via em mim mais o filho amante dos princípios do que o filho que devia querer bem a ela! Depois, quanta sabedoria em suas palavras! Que voz grave! Ao mesmo tempo, a bondade não estava ausente!”²

E, em outra ocasião, recordava ele: “Mamãe tinha um modo único de passar um ‘pito’. [...] Era, ao mesmo tempo, com lógica e afeto. Eu prestava atenção em suas repreensões, admirado e encantado com a voz, os olhos, o carinho, a sabedoria e a intransigência dela”.³ ♦

Extraído, com pequenas adaptações, de: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plinio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.136-139

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2010, v.I, p.361-362.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Confidencial*. São Paulo, 18/6/1968.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plinio. *Palestra*. São Paulo, 6/4/1972.

Solenes comemorações em honra da Virgem de Fátima



Fotos: Nuno Moura

O Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, acolheu no dia 10 de maio o 20º Encontro Nacional do Apostolado do Oratório “Maria, Rainha dos Corações”. As atividades se iniciaram com uma meditação conduzida pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, seguida de uma Eucaristia presidida por Dom Rui Manuel Sousa Valério, SMM, Patriarca de Lisboa. Após a celebração, houve recitação do Terço e procissão até a Capelinha das Aparições.



Caeiras (SP)



Montes Claros (MG)



Lauro de Freitas (BA)

Eduardo Inrique

Eduardo de Barros



Equador



Portugal



Colômbia

Emilio Pérez

Jesse Arce



Espanha



Nicarágua

Eric Salas

Ana Gabriela Guizaf



México

Além da programação em Portugal, as comemorações pela festa de Nossa Senhora de Fátima, no dia 13 de maio, ocorreram em todos os locais onde atuam os Arautos do Evangelho. Acima, destacamos as cerimônias realizadas nas cidades brasileiras de Caeiras (SP), Montes Claros (MG) e Lauro de Freitas (BA); bem como em Tocancipá, Colômbia; em Madri, Espanha; em Cuenca, Equador; em Ciudad Hidalgo, México; e em Juigalpa, Nicarágua.



Celebrações pelo início do pontificado do Papa Leão XIV



Fotos: Antônio Caieiro / Hugo Alves

No dia 18 de maio a Santa Igreja se rejubilou com a Missa inaugural do pontificado do Papa Leão XIV, celebrada sob os auspícios da Mãe do Bom Conselho de Genazzano. Membros dos Arautos do Evangelho presentes no continente europeu acorreram também à Praça de São Pedro, a fim de prestar sua homenagem ao Vigário de Cristo, rezar por suas intenções e calorosamente saudá-lo.



Fotos: Leandro Sousa / Stephen Nami

A Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Caieiras (SP), filiada à Basílica Papal de Santa Maria Maggiore, uniu-se às comemorações pelo início do pontificado com uma solene Eucaristia de ação de graças, celebrada no dia 20 de maio. A cerimônia começou com a inauguração do escudo do Papa Leão XIV, afixado no pórtico da basílica, e concluiu com o cântico do "Te Deum".



Fotos: Rogério Baldasso



1



2



3

Martina Cammarerij

Itália – Entre os meses de abril e maio, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou a Paróquia São Francisco de Assis de Campi Salentina, em Lecce (foto 1), e o Hospital RSA São Luís Orione de Messina (foto 2). No mesmo período, o Fundo Misericórdia custeou a manutenção do táxi solidário da comunidade de Anoia, na Régio Calábria, destinado ao transporte de pessoas carentes (foto 3).



Fotos: KLP

El Salvador – Um jantar benéfico, em prol da construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, foi realizado em abril nas dependências do Hotel Hilton, em San Salvador. O evento contou com a presença de Dom Luigi Roberto Cona, Núncio Apostólico no país, e de Dom Luis Morao Andreatta, OFM, Bispo Emérito de Chalatenango.



Fotos: Xavier Jacob

Paraguai – No dia 27 de abril, os Arautos do Evangelho participaram da celebração do Domingo da Divina Misericórdia na Paróquia São João Maria Vianney, em Lambaré. O coral da instituição cantou durante a Missa e animou a procissão que, logo em seguida, percorreu as ruas adjacentes.

Sergio Céspedes



1



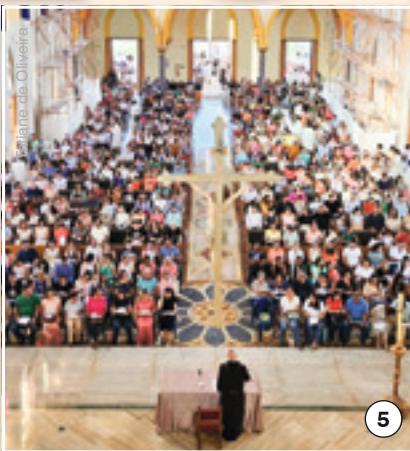
2



3



4



5



6

Ivano Gavilanes

Retiros e “Tardes com Maria” – Atividades diversas foram promovidas entre os meses de março e junho, visando a formação doutrinária e progresso espiritual daqueles que já se consagraram como escravos de amor à Santíssima Virgem. Nas fotos acima, encerramento de retiro na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Cotia (foto 1) e no Oratório de Nossa Senhora da Reconquista em El Retiro, Colômbia (foto 3); e “Tardes com Maria” realizadas na Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Piraquara (foto 2), e na Igreja de Nossa Senhora dos Claríssimos Montes, em Montes Claros (foto 5), bem como em Puebla, México (foto 4), e em Siquatepeque, Honduras (foto 6).



Fotos: Isabel Bogado

Jaraguá do Sul (SC) – Irmãs do setor feminino dos Arautos do Evangelhos realizaram uma missão mariana em cinco comunidades da cidade de Jaraguá do Sul, entre os meses de abril e junho. O Oratório do Imaculado Coração de Maria percorreu residências e estabelecimentos comerciais, levando as bênçãos da Mãe de Deus.



Cercados por toda espécie de confortos, preferimos não enfrentar questão tão espinhosa... Entretanto, existe uma chave que abre as portas de uma serenidade insuspeitada em meio às mais terríveis incertezas.

Leandro Souza

E o dia de amanhã?



↖ Ir. Diana Milena Devia Burbano

Osimples enunciar da pergunta que encabeça este artigo nos perturba. Inquieta-nos pela incerteza que temos em relação à resposta, faz-nos duvidar dos planos que elucubramos para o futuro, derruba as mais poderosas fortalezas construídas com sonhos e alicerçadas em ilusões... Saber com exatidão o que acontecerá amanhã é algo de que nenhum homem, por poderoso e rico que seja, se mostra capaz.

Analisemos, por exemplo, a situação de um de nossos leitores. Podemos afirmar – com poucas probabilidades de erro – que, se neste momento ele lê as presentes linhas, é porque se encontram num contexto seguro. Sentado num sofá, num banco de jardim, no metrô ou talvez esperando numa fila que não avança tão rápido quanto gostaria, percorre calmamente as páginas da revista.

Uma pessoa sensata não estaria prevendo, enquanto lê, a possibilidade de iminente de morrer num atentado terrorista ou numa explosão nuclear. Entretanto, poderia eclodir hoje uma guerra e amanhã sermos alvo de um ataque: nossas vidas acabariam numa fração de segundo, como findaram

as de tantos habitantes de Hiroshima, transformados literalmente em sombras no decorrer de uma “simples” fissão nuclear...

É descabido ponderar uma hipótese assim? Os dias que vivemos não provam a plausibilidade dessas circunstâncias? Se novamente ficamos na incerteza, chegamos todos à mesma conclusão: a resposta poderia ser sim...

Uma preocupação de todos os tempos

A incerteza quanto ao dia de amanhã é causa de preocupação para todos os homens, em todas as idades e em qualquer época. Pensam os profissionais nos desafios que encontrarão no próximo dia de trabalho para manter suas famílias, preocupam-se os jovens com os exames que prestarão, e até uma tenra criancinha sonhará em obter aquelas guloseimas que hoje não pode degustar.

E este não é um problema exclusivo do atribulado homem moderno. Se olharmos para o passado, veremos que a mesma apreensão acompanha a humanidade desde seus albores. Com efeito, ao ser expulso do Paraíso para uma terra amaldiçoada por seu pecado,

Adão deve ter sofrido a cada jornada a angústia de tirar dela o sustento com o suor de seu rosto, esperando na misericórdia do Senhor que assim lhe dava meios para expiar sua falta. O Gênesis, apesar de sucinto, deixa muito claro que o castigo de nosso primeiro pai – e nele o da humanidade – duraria “todos os dias de sua vida” (3, 17).

Abriu-se então para os seres humanos um duplo caminho: enveredar pelo desespero, na perspectiva incerta do amanhã; ou, nessa mesma incerteza, trilhar as vias da confiança em Deus.

Pensar ou não no amanhã?

Analisemos por um instante nosso entorno. O leitor já percebeu que roubaram do nosso século a contingência amorosa que nos ligava ao Criador?

A humanidade hodierna desconhece o que é confiar na Providência e não sabe aceitar, com resignação, os bens e os males que lhe sobrevêm, porque o mundo conseguiu mentiro-samente preencher o lugar que caberia ao Senhor. Perdemos a serenidade na estonteante velocidade das comunicações e das locomoções modernas; esquecemos o hábito da paciência e, sobretudo, da mortificação, afundados

no *comfort* que invadiu a vida diária; suprimimos até a esperança no auxílio celeste pelas facilidades que o mercado mundial nos oferece... Por que o *amanhã* ainda nos assusta? Porque nossa vontade não está de acordo com a vontade de Deus, e nossa segurança estáposta nos bens materiais.

Narram as Sagradas Escrituras que o justo Jó perdeu num instante filhos, bens, rebanhos, saúde e consolação. E sua resposta a tantos infortúnios marcou indelevelmente a História pela docilidade que ele demonstrou: “O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1, 21) Alguém, na sociedade atual, seria capaz de responder assim à menor provação?

Mas, se encararmos todas as coisas que nos acontecem de modo sobrenatural, chegaremos à conclusão – com a qual o mundo nunca concordará, *hélás!* – de que muitas vezes os males não são males, os bens não são bens; há desgraças que são golpes de misericórdia e sucessos que são um verdadeiro castigo.

Segundo Santo Afonso Maria de Ligório aqui está a chave para não soçobrar na vida, a qual apresenta incertezas, contrariedades e imprevistos: “O grande ponto é abraçar a vontade divina em tudo quanto acontece, seja agradável ou desagradável às nossas inclinações. [...] Não devemos, portanto, receber nossos infortúnios como das mãos do acaso ou da malícia dos homens, mas devemos estar persuadidos de que tudo quanto nos acontece é pela vontade de Deus”¹.

Sendo assim, a conformidade com a vontade divina é a melhor chave para enfrentarmos o futuro.

A entrega do “hoje”

Por outro lado, na angustiante tarefa de prever o amanhã,

o homem moderno acaba esquecendo que vive no *hoje...* e que deveria analisá-lo à luz da eternidade. “O acaso não é mais que uma palavra”,² recorda Dom Vital Lehodey, pois é a Providência Divina que dirige os grandes acontecimentos do mundo e os pequenos incidentes de nossa vida. Somos folhas de papel em branco nas quais Deus escreve dia a dia seus designios; aquilo que nos parece confuso, absurdo e às vezes até contraditório tem n’Ele todas as razões, pesos e medidas, e reclama de nós uma filial conformidade, bem como uma disposição incondicional em cumprir sua vontade.

Na parábola das virgens prudentes (cf. Mt 25, 1-13) vemos o quanto esse fator pode ser decisivo para a

perseverança. Dez jovens esperavam o esposo. Nenhuma imaginava que ele chegaria de madrugada, e todas acabaram adormecendo. Suas lâmpadas ardiam naquele momento, e as que foram previdentes levaram consigo alguns vasos de óleo para abastecê-las mais tarde. Estavam prontas para recebê-lo, mas não afiladas com o *amanhã*, nem mesmo com o que poderia acontecer depois de horas de espera. Se o estivessem, teriam carregado consigo verdadeiros tonéis de azeite!

As virgens prudentes pensaram no *agora*: “Se ele chegar agora, estou pronta, tenho óleo de reserva e poderei segui-lo aonde quer que vá!” As nescias, pelo contrário, não pensaram nem no *agora*, nem no *amanhã...* Dormiram enquanto bruxuleavam os últimos estertores de suas lâmpadas, demonstrando que nunca estiveram realmente preparadas para a chegada do esposo.

Nas prudentes temos um exemplo simples e uma regra certeira para a vida: no dia de *hoje*, “fazer o que Deus quer que façamos, e [...] o fazer como Ele quer que façamos”,³ confiando que o Senhor completará aquilo que por fraqueza nos venha a faltar *amanhã*.

É isso que significa ter o *hoje* pronto. Durarão muito as dificuldades? Seremos fiéis? Resistiremos às provas que virão? Não o sabemos, mas o que Ele quiser de nós *hoje* devemos estar dispostos a Lhe oferecer.

O segredo da Virgem Fiel

Esta foi a vida de Maria Santíssima. Haveria alguém com mais razões do que Ela para se preocupar com o *amanhã*, após receber a notícia de que seria a Mãe do Messias?! Quantas incertezas, quantas perplexidades, quantos desmentidos



A resposta de Jó ante o infortúnio marcou a História: “O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor!” A sociedade atual seria capaz de responder assim à menor provação?

O justo Jó, “Heures d’Henri II” -
Biblioteca Nacional da França, Paris



via se avolumarem no futuro, enquanto São Gabriel Lhe anunciava o maior acontecimento da História... Contudo, nenhuma inquietação dominou seu espírito “cheio de graça”; e a resposta que brotou de seus lábios é um cântico de conformidade: “Faça-se em Mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38).

Ela desejou que a vontade de Deus fosse feita n’Ela, assim como se cumpre no Céu, e em troca Deus fez a vontade d’Ela estando aqui na terra... Com quanto abandono vemos o Menino Jesus deixar-Se conduzir nos braços desta boníssima Mãe! Ele não Se ocupa em saber aonde vai, por que vai, se vai depressa ou devagar... basta-Lhe estar nos braços de Maria, para ter a certeza de seguir as vias da Providência.

O santo abandono foi o segredo tanto da Mãe quanto do Filho: “Não vos aflijais, nem digais: Que comermos? Que beberemos? Com que nos vestiremos? São os pagãos que se preocupam com tudo isso. Ora, vosso Pai Celeste sabe que necessitais de tudo isso. [...] Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã: o dia de amanhã terá as suas preocupações próprias. A cada dia basta o seu cuidado” (Mt 6, 31-32.34).

O santo abandono à Providência

O santo abandono, nas palavras de Dom Lehodey, é “uma união total, uma espécie de uniformidade da nossa vontade com a de Deus, a ponto de estarmos prontos com antecedência ao que Deus quiser e recebermos com amor tudo o que Ele fizer. Antes do acontecimento, é uma expectativa pacífica e confiante; depois, uma submissão amorosa e filial”.⁴ Tal abandono exige, porém, algumas condições prévias: desapego de todas as criatu-



“Vivamos cada um seu minuto, cada um seu momento, e Nossa Senhora nos sustentará em cada instante”

Nossa Senhora da Divina Providência - Coleção particular

ras, fé viva e confiança absoluta na Providência.⁵

De outra parte, cabe ressaltar que o mesmo Deus que nos anima a depositar n’Ele toda a nossa confiança, “não permite que ninguém seja imprudente ou preguiçoso”.⁶ A alma deve prever aquilo que está ao seu alcance e laboriosamente fazer o que depende de sua ação, reservando ao Senhor o sucesso ou a recusa a seus pedidos, aceitar com amor tudo o que Ele decida e permanecer serena antes e depois dos acontecimentos. Desse modo, “o abandono não dispensa a prudência, mas bane a agitação”.⁷

Eis a chave para obter a paz de alma, o equilíbrio de espírito, a alegria do coração: a conformidade com a vontade de Deus levada até o sublime cume do abandono em suas mãos.

A resposta para o dia de amanhã

Por fim, resta-nos acrescentar uma palavra de Dr. Plínio, dirigida a jovens seguidores seus. Profundo conhecedor das deficiências da geração atual, ele lhes ensinou um segredo, que hoje responde e complementa nossa questão. Gravemos este conselho a fundo na alma, enfrentemos de modo diferente o *hoje* e, quanto ao *amanhã*, vivamos na esperança de alcançar aquela feliz indiferença com que os Santos arrostam o futuro:

“Há certas situações em que é uma prevaricação pensar no dia de amanhã. Pensemos na eternidade! Quanto ao dia de amanhã, peçamos a Nossa Senhora para nele pensar por nós. Se a Santíssima Virgem quiser que haja um dia de amanhã, roguemos-Lhe que tenha a bondade de nos preparar para ele de acordo com a glória d’Elas e as vantagens de nossa alma. Quanto ao mais, não pensemos! Para nós o dia de amanhã é a batalha, mas mesmo nesta vale a pena pensar. Vivamos cada um seu minuto, cada um seu momento, e Nossa Senhora nos sustentará em cada instante. Então nós venceremos”⁸ ♣

¹ SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO. *Tratado da conformidade com a vontade de Deus*. 2.ed. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2022, p.13;15.

² LEHODEY, OCSO, Vital. *Le saint abandon*. 7.ed. Paris: Gabalda, 1935, p.520.

³ RODRIGUES, SJ, Afonso. *Exercícios de perfeição e virtudes cristãs*. 3.ed. Lisboa: União, 1927, t.I, p.147.

⁴ LEHODEY, op. cit., p.82.

⁵ Cf. Idem, p.519-520.

⁶ Idem, p.42.

⁷ Idem, p.44.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 27/6/1988.

...por que os católicos rezam de joelhos?

Considerada como um comportamento bárbaro e desprezada pela cultura greco-latina, a genuflexão não possuía grande valor na Antiguidade. Não é difícil compreender a implicância: como ajoelhar-se diante de divindades pagãs, seres caprichosos dos quais buscava-se a simpatia apenas para obter certos benefícios pessoais? Os homens se aviltariam – e o sabiam – aos pés desses pedaços de pedra, pau ou metal.

Somente o povo que conheceu o verdadeiro Deus pôde conceber a posição mais conveniente para adorá-Lo. Com efeito, na genuflexão – costume proveniente da cultura israelita – está condensada uma visão teológica: os joelhos, que sustentam o peso de todo o corpo, simbolizam a força; por conseguinte, dobrá-los significava humilhar-se perante o Deus vivo e reconhecer que o nosso tudo é nada sem Ele.

Herdeiro da Antiga Aliança, o Novo Testamento refere-se cinquenta

e nove vezes à genuflexão. De todas elas, a mais sublime é a que São Lucas menciona ao narrar a agonia de Nosso Senhor no Horto das Oliveiras: “Ajoelhando-Se, orava: ‘Pai, se é de teu agrado, afasta de Mim este cálice!’” (Lc 22, 41-42).

O costume de ajoelhar-se, assimilado pelos cristãos desde os primeiros séculos, perdura em nossos dias. Entretanto, é bem provável que essa posição não esteja de acordo com os sofismas igualitários pregados no mundo contemporâneo pois, à medida que a humanidade se desvia da verdadeira Fé, torna-se incompreensível o estar de joelhos.

Sendo essa a postura ideal para a oração, a Santa Igreja prescreve que o fiel, salvo motivo razoável que o dispense, sempre se ajoelhe diante do Santíssimo Sacramento e, durante a Missa, no momento da Consagração (cf. *Instituição geral do Missal Romano*, n.43; 274). ♫

Quem se coloca em estado de reverência ante o Supremo Bem, esse sim será grande aos olhos de Deus! ♫



Leandro Souza

Recitação do Rosário - Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caeiras (SP)

...por que a figura do peixe é um símbolo de Nossa Senhor Jesus Cristo?

No Paraíso, Adão deu a cada animal um nome segundo seu papel na criação (cf. Gn 2, 19). Mas provavelmente nosso primeiro pai sequer suspeitasse que vários daqueles seres vivos se tornariam símbolos do Novo Adão.

Com efeito, Jesus Cristo é Leão de Judá ao expulsar os vendilhões do Templo e Cordeiro imolado no Calvário. Segundo suas próprias palavras, assemelha-Se à galinha que reúne sob suas asas os pintainhos dispersos (cf. Mt 23, 37) e à serpente elevada no deserto para a salvação dos hebreus (cf. Jo 3, 14). Ademais, a piedade dos fiéis O associou ao pelicano na Eucaristia e... ao peixe.



Pão Eucarístico e peixe - Catacumba de São Calixto, Roma

rânea, eles começaram a criar códigos e sinais para sua mútua identificação.

Tais figuras precisavam ser absolutamente indecifráveis. E o peixe foi então um ótimo achado, visto que até hoje muitas pessoas não sabem interpretar seu significado.

Em grego, língua de uso comum então, peixe se escreve *ikhthýs*. Ora, são essas as iniciais das palavras *Iesoûs Khristòs Theoû Huiòs Sotér* – Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador, quando escritas em caracteres gregos.

Assim, na época das catacumbas esse animal aquático, aparentemente tão inócuo, passou a ser símbolo de Cristo e sinal de identificação de seus seguidores. ♫

Mas o que há de análogo entre o peixe e o Homem-Deus?

Nos primeiros séculos do Cristianismo, devido às sangrentas perseguições os católicos precisavam ocultar sua condição, praticando a religião às oca-litas, a ponto de terem de celebrar a Missa nas catacumbas. Nessa vida subter-

Ornato e luz primordial

O homem se vestirá, por fora, à imagem das virtudes que o habitam por dentro, conforme sua vocação de ser um autêntico reflexo do Criador.

↖ Santiago Vieto Rodríguez



Um sapiencial ensinamento de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira indica a dupla finalidade da indumentária: cobrir o corpo e revelar a alma. O ofício de elaborar trajes é tão elevado que o próprio Deus quis confeccioná-los para o primeiro casal, atingido pelas consequências do pecado (cf. Gn 3, 21).

Desde a mais remota antiguidade – num caleidoscópio tão variado como numerosas são as nações existentes no orbe – a ornamentação do corpo humano desempenhou um papel eminente, revelando-se na sofisticação e beleza das vestes o nível cultural e moral alcançado por cada povo.

Considerando que os gregos denominaram o universo de *cosmos*, no sentido de *ornamento*, Santo Hilário de Poitiers¹ nos propõe entendê-lo como sendo o ornato de Deus. São Tomás de Aquino, por sua vez, afirma que o homem “tem certa semelhança com o universo, e por isso é chamado microcosmo”.² A humanidade constitui, portanto, o adorno do universo (cf. Gn 1, 27), o que parece conferir ao costume de se ataviar um caráter quase sagrado e revelador dos aspectos mais altos da alma e da sociedade.

De fato, temos sempre usado tecidos, pedras e metais para nos adornar, mas em tempos idos esse hábito possuía uma dimensão hoje insuspeitada, eminentemente metafísica. Para a mentalidade medieval, por exemplo, havia uma correlação entre as gemas e os astros: as pedras preciosas eram as estrelas que Deus colocava ao nosso alcance, enquanto as estrelas eram as

pedras preciosas com as quais Ele ornava o universo sideral.³

Por isso, considerava-se que a cosmética – que em sua acepção original compartilha a raiz grega de *cosmos*, significando *ordem*, mas também *dispor* e *vestir* – devia garantir a harmonia entre o microcosmos, que é o homem, e o macrocosmos, representado pelo firmamento. Em consequência, julgava-se que as pedras não deviam ser usadas arbitrariamente como ornamentos, mas se fazia necessário respeitar padrões simbólicos nos quais a hierarquia, a riqueza e a variedade das formas – mantendo algo de unitivo e de permanente – ressaltassem o caráter único de cada ser humano.

Nesse sentido, Dr. Plínio⁴ cunhou a expressão “luz primordial” para designar cada vocação específica – tanto de indivíduos quanto de coletividades – a, nos limites da criatura, refletir as maravilhas existentes em Deus num grau infinito. São chamadas “luzes” por serem modalidades peculiares da luz divina, e “primordiais” porque devem constituir o principal objeto da atenção de quem as recebe, enquanto sua principal via de santificação.

Encontramos algo disso, justamente, na pulcritude das vestimentas tradicionais dos povos. Na medida em que há fidelidade ao designio divino, elas surgem como reflexos da “luz primordial” que cada nação está chamada a manifestar, conforme sua psicologia, sua história e suas características culturais. Nas sociedades católicas, essa realidade não era privilégio de minorias: os

trajes típicos do povo simples, tal como os das elites, tinham notas próprias e pitorescas, com requintes de beleza, elegância e distinção, de acordo com as diversas regiões. E tal costume elevava toda a sociedade em seu conjunto.

Mesmo em nosso mundo globalizado notamos que, quando alguém procura identificar-se com seu povo de origem, não utiliza um traje atual, mas sim algum que, em tempos idos, tenha alcançado certa excelência de beleza e afinidade com os melhores valores morais de sua cultura. As festas nacionais, por exemplo, são uma entre as raras ocasiões nas quais se escapa da massificante ditadura da moda para se retornar ao maravilhoso que, por sua excelência, participa do perene.

Compreende-se, pois, que haja quem defina a moda como aquilo que se adota quando não se tem identidade própria, uma vez que – conforme o exposto acima – seguir padrões arbitrários, fundamentando-se apenas no mimetismo, é indício de uma profunda falta de conhecimento a respeito de si mesmo.

Afirmou Chesterton: “O Cristianismo está sempre fora de moda, pois é sempre sensato; e todas as modas são pequenas loucuras. Quando a Itália se enlouquece com a arte, a Igreja parece demasiadamente puritana; quando a Inglaterra se enlouquece com o puritanismo, a Igreja parece artística demais. [...] A Igreja sempre parece estar atrasada, quando na realidade está além dos tempos”.⁵

Nossa pátria é o Céu, onde estaremos livres das contingências do tempo

e do caráter cronicamente passageiro – e sempre ultrapassado – das coisas terrestres. Assim, a recuperação do senso metafísico da ornamentação do homem poderá devolver-nos critérios de beleza fundamentados no Bem absoluto, realçando a dimensão social das luzes primordiais individuais: o homem se vestirá, por fora, à imagem e semelhança das virtudes que o habitam por dentro, conforme sua vocação de ser um autêntico reflexo do Criador. ♦

¹ Cf. SANTO HILÁRIO DE POITIERS. *De Trinitate*. L.I, n.7: PL 10, 30.

² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Suppl., q.91, a.1.

³ Cf. BUCKLOW, Spike. *The Al-chemy of Paint*. Sheffield: Marion Boyars, 2009, p.218.

⁴ A respeito desse tema, ver: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.IV, p.52-54.

⁵ CHESTERTON, Gilbert K. *The Ball and the Cross*. New York: John Lane, 1909, p.148.



Trajes típicos de diversas nações:
1 e 2. Bretanha (França); 3. Wilamowice (Polônia);
4. Viana do Castelo (Portugal); 5. Valência
(Espanha); 6. Ansó (Espanha); 7. Kyoto (Japão)



Reprodução

Autoridade santa e perfeita união

Considerei sempre meus pais como Santos. Tínhamos profundo respeito e admiração por eles. Perguntava-me por vezes se poderia haver semelhantes sobre a terra. Pelo menos, não os achava ao redor de mim.

Mamãe tinha por meu pai tanta admiração quanta afeição e deixava-o exercer plenamente uma autoridade deveras patriarcal.

Meu Pai falava-nos muitas vezes de nossa “santa Mãe”, como ele a chamava. Esta, de

seu lado, escrevia a seu irmão: “Que homem santo é meu marido! Desejo um igual a todas as mulheres”.

A união perfeita desses pais modelos estava sempre orientada para o pensamento da vida eterna.

Leônia Martin. “A mãe de Santa Teresa do Menino Jesus”; Célina Martin. “O pai de Santa Teresa do Menino Jesus”